



**Universidade de Coimbra**

**Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação**

Mestrado Integrado em Psicologia da Educação,

Desenvolvimento e Aconselhamento

## **Vivências do Corpo na Prostituição Feminina**

Maria João Mendes da Cunha

**Orientador:** Professor Doutor Eduardo João Ribeiro dos Santos

Coimbra, Setembro de 2012



## **Resumo**

O corpo assume um papel primordial nas vivências cotidianas de todo o ser humano. É através do corpo que os indivíduos exploram e experienciam o mundo à sua volta. Reconhecendo essa importância, este trabalho pretende esclarecer a relação que a mulher que se dedica a práticas de prostituição estabelece com o seu corpo, analisando de que forma esta relação é ou não alterada e influenciada pelas práticas de prostituição.

Nesse sentido, foi recolhido material através da realização de entrevistas junto de nove mulheres que se dedicam a práticas de prostituição abrigada em apartamentos. A coleta e análise dos dados seguiram os pressupostos da *Grounded Theory*.

Encontraram-se evidências da adoção de um conjunto de estratégias emocionais e comportamentais que parecem mediar as vivências e auxiliar as mulheres entrevistadas, através das suas vivências na prostituição.

**Palavras-chave:** prostituição, prostituição de interior, corpo, mulher

## **Abstract**

The body plays a major role in the everyday experiences of every human being. It is through the body that individuals explore and experience the world around them. Recognizing this importance, this study aims to clarify the relationship that a woman who engages in prostitution practices establishes with her body, examining how this relationship is or not altered and influenced by the practices of prostitution.

In this sense, evidence was collected by conducting interviews with nine women who engage in indoor prostitution. The collection and analysis of data followed the assumptions of Grounded Theory.

Evidence was found of the adoption of a set of emotional and behavioral strategies that seem to mediate the experiences and help interviewed women through their experiences in prostitution.

**Key-words:** prostitution, indoor prostitution, body, woman

## **Agradecimentos**

Os meus agradecimentos vão, em primeiro lugar e acima de tudo, para as mulheres que participaram neste estudo, cuja coragem em partilhar a sua história, tornou este trabalho exequível. Agradeço também a todas as outras mulheres, homens e transexuais, com quem contactei durante todo o processo, que me deram a conhecer o fenómeno da prostituição de interior e cujas histórias me motivaram para a compreensão do mesmo. Este trabalho é para todos eles,

Agradeço aos técnicos da Associação Existências, nomeadamente às equipas técnicas dos projectos DOMUS e Etapas Positivas, pois foram eles que possibilitaram e guiaram a minha incursão no contexto da prostituição e foi graças a eles que cheguei a todas as mulheres e a todas as histórias que compõem este trabalho.

Agradeço ao Professor Doutor Eduardo Santos, pela paciência, disponibilidade e ensinamentos transmitidos ao longo desta etapa.

Por fim, agradeço aos meus pais, família e amigos, ao Eduardo, à madrinha Emília, à Ana, Marta e Bárbara, pelo apoio prestado durante este período e desde sempre e pela enorme paciência em ouvir os “discursos” e as “queixas” que tão bem caracterizaram todo este processo.

# Índice Geral

<b>Introdução.....</b>	<b>1</b>
<b>Objectivos.....</b>	<b>4</b>
<b>Percurso Metodológico.....</b>	<b>5</b>
Recolha de dados.....	5
O Método.....	6
Amostra Teórica.....	9
Validação do estudo.....	11
<b>Análise/Discussão de Dados.....</b>	<b>12</b>
Legitimação e caracterização da actividade.....	14
Vivências corporais e emocionais na actividade.....	18
Relação Profissional vs. Relação Privada.....	23
Consequências decorrentes das vivências na actividade.....	28
<b>Lançamento de Hipóteses.....</b>	<b>34</b>
<b>Enquadramento Teórico.....</b>	<b>36</b>
Corpo.....	36
Prostituição.....	37
Definir a Prostituição.....	39
Os actores.....	40
Prostituição de Interior.....	41
Trabalho Emocional.....	43
<b>Limitações.....</b>	<b>45</b>

<b>Conclusão.....</b>	<b>48</b>
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>51</b>
<b>Anexos.....</b>	<b>55</b>
Anexo I – Guião orientador da Entrevista Semi-estruturada.....	56
Anexo II – Termo de Consentimento Informado.....	57
Anexo III – Exemplo de Categorização Aberta.....	58

## **Índice de Tabelas**

**Tabela 1** - Caracterização Sociodemográfica das mulheres entrevistadas.....10

**Tabela 2** - Sistematização das Categorias e Subcategorias e seu agrupamento em Dimensões.....13



## Introdução

A motivação para a realização desta investigação surgiu durante o estágio curricular efectuado na Associação Existências<sup>1</sup> no ano lectivo de 2010/2011, através do contacto com sujeitos que se dedicam a práticas de prostituição. Foram integrados os projectos DOMUS e Etapas Positivas, e foi através das equipas *out-reach* dos mesmos, que se concretizou o contacto directo com a prostituição de rua e de interior das cidades de Coimbra e Aveiro.

Os contactos mais frequentes ocorreram no contexto da prostituição de interior que, pelas suas características próprias, favoreceu uma socialização directa com os actores<sup>2</sup> desta realidade. Desta forma, constatou-se uma diversidade imensa em termos das características individuais desta população, enquanto paralelamente, se verificou a existência de uma espécie de código de conduta que parecia nortear a vivência da prostituição. Estes sujeitos pareciam ter bem claros quais os limites que separavam a sua vida profissional da sua vida pessoal, entre outras características definidoras da sua vivência na prostituição.

Foram estes factos que despertaram o interesse e motivaram para a realização de uma pesquisa neste contexto, cujo objectivo principal foca a compreensão da experiência e vivência da prostituição através dos significados atribuídos pelos seus actores.

Inicialmente, pretendeu-se explorar de igual forma o contexto de rua e o de interior para posteriormente poder ser feita uma comparação entre os resultados dos mesmos. No entanto, enquanto eram feitos os contactos com os sujeitos, ficou claro que a prostituição de rua representa hoje uma minoria, comparativamente com a prostituição de interior, que floresce dissimulada em anúncios (Oliveira, 2004; Sanders, 2005; Weitzer, 2007; Whittaker & Hart, 1996). Pareceu também evidente que, pelas características espaciais de cada um destes contextos, a própria recolha de dados não poderia ser efectuada de acordo com as mesmas condições, nem de forma a

---

<sup>1</sup> A Associação Existências é uma associação de solidariedade social, com sede na cidade de Coimbra. Os projectos integrados têm como objectivo providenciar apoio psicossocial a indivíduos que se dedicam a práticas de prostituição de rua e de interior.

<sup>2</sup> O conceito de actor (social) aparecerá no decorrer deste estudo para denominar os sujeitos que se dedicam à prostituição, tanto aqueles que participaram neste estudo, como no geral. Este conceito implica uma dimensão de individualidade e de autonomia e sugere que o sujeito não é um ser passivo mas sim dotado de um ponto de vista próprio (Debuyst, 1990, citado em Oliveira, 2004).

proporcionar um ambiente confortável e desinibidor para os sujeitos. Posto isto, o contexto da prostituição de interior, foi eleito pela acessibilidade possibilitada pela Associação Existências e pelo facto de, dado as suas características, providenciar um espaço livre de estímulos distractores e no qual os sujeitos já se sentiam à vontade com a presença da investigadora.

Embora, cada vez mais, os homens e os transexuais se dediquem ao trabalho sexual, o sexo feminino continua a ser maioritário. Por esta razão, este estudo circunscreveu-se ao sexo feminino, pois este continua a ser representativo do trabalho sexual e da prostituição de interior.

O trabalho sexual engloba uma série de actividades, é vivenciado por distintos actores e assume aspectos bastante diversos que por vezes se entrecruzam e confundem. A linha que divide o trabalho desempenhado por uma *stripper*, daquele desenvolvido por uma prostituta, pode para muitos ser demasiado ténue e conduzir alguns a achar que se tratam do mesmo tipo de actividade, quando na verdade são distintas entre si.

Também a prática da prostituição assume diversos aspectos diferenciadores, consoante a natureza do contexto em que esta se desenrola. Desta forma, a prostituição abrigada em apartamentos, objecto de estudo deste trabalho é uma das modalidades da prostituição de interior, sendo assim um dos tipos de trabalho sexual.

Na redacção deste documento, adoptar-se-ão os termos *prostituição/trabalho sexual* e *prostituta/trabalhadora sexual*<sup>3</sup>. Para uma melhor compreensão das vivências apresentadas neste estudo, importa definir o conceito de prostituição e os papéis desempenhados pelos seus actores. Tendo em conta a realidade apresentada neste trabalho, a prática da prostituição é entendida como uma actividade, neste caso praticada por mulheres, que oferecem serviços de cariz sexual mediante um pagamento. Estes serviços que são bastante diversificados, vão desde o coito até ao voyeurismo e a uma simples conversa, têm um significado sexual e/ou erótico para a parte que os compra, o cliente. Neste caso, as práticas de prostituição são levadas a cabo em casas/apartamentos, sendo os serviços maioritariamente anunciados através de jornais e

---

<sup>3</sup> Embora os termos prostituição e trabalho sejam empregues neste documento como se de sinónimos se tratassem, a investigadora não tem a intenção de dar a entender que todo o tipo de trabalho sexual se caracterize como prostituição (tendo em conta a já referida multiplicidade de práticas e de contextos). O uso alternado destes termos corresponde ao facto de a totalidade das participantes deste estudo, assim como a maioria dos actores contactados, perspectivarem as práticas de prostituição exercidas como uma ocupação/profissão (este aspecto será melhor caracterizado, mais à frente neste trabalho).

na *internet*. Mais à frente neste trabalho, os conceitos de trabalho sexual e prostituição serão melhor explorados e caracterizados.

Também os termos *actividade/trabalho* serão referidos ao longo do texto, com a mesma carga significativa que os acima citados, pois tratam-se dos termos utilizados, aquando da realização da entrevista, para fazer referência à prática da prostituição.

Importa referir que, na construção deste texto, serão utilizadas transcrições *verbatim* recolhidas durante as entrevistas com as mulheres. De maneira a respeitar a linguagem utilizada, todos os termos proferidos foram mantidos, inclusive aqueles de uso comum ou calão.

O presente trabalho é apresentado com a estrutura seguinte. Num primeiro momento, serão apresentados os objectivos gerais que orientaram a evolução desta investigação. Seguidamente, apresenta-se o percurso metodológico adoptado, explicitando quais os métodos de recolha e de análise dos dados, que seguiram os pressupostos da *Grounded Theory* (Charmaz, 1995; Glaser & Strauss, 1967; Strauss & Corbin, 1990, 1994, 1998). Segundo Fernandes e Maia (2001), a *Grounded Theory* é uma das metodologias qualitativas que tem vindo a ser bastante utilizada no âmbito das ciências sociais, assim como em diferentes áreas da psicologia.

Seguidamente serão apresentados e discutidos os resultados obtidos, assim como será efectuado o lançamento de hipóteses que futuras investigações poderão verificar.

O enquadramento teórico<sup>4</sup> deste trabalho, não objectiva ser extenso e intensivo, mas principalmente servir a clarificação de alguns conteúdos que se consideram pertinentes para a compreensão do fenómeno em estudo.

Por último serão clarificadas as limitações inerentes ao presente estudo, seguidas das considerações e conclusões finais.

---

<sup>4</sup> A *Grounded Theory* não pressupõe uma revisão extensiva da literatura, prévia à recolha de dados e ao desenvolvimento do estudo. Esta metodologia privilegia a realização de leituras temáticas e específicas, paralelas e posteriores à recolha e análise dos dados (Charmaz, 1995; Strauss & Corbin, 1990, 1998). Tendo tal em conta, a organização deste trabalho foi efectuada, de forma a que o capítulo referente ao enquadramento teórico fosse apresentado após a discussão dos resultados.

## Objectivos

De acordo com Strauss e Corbin (1990, 1998), ao iniciar uma investigação segundo os pressupostos da *Grounded Theory*, o investigador deverá formular questões que sejam suficientemente abertas de modo a que o percurso de análise seja flexível e em profundidade, mas definidas de forma a tornar o fenómeno investigável. Como sugerem Fernandes e Maia (2001), esta metodologia pressupõe que a definição do problema em estudo e das questões que o representam vão evoluindo<sup>5</sup> à medida que o processo de recolha e análise dos dados se vai desenrolando. Assim, os objectivos vão evoluindo de questões abertas para questões progressivamente mais focalizadas e orientadas.

O objectivo principal deste estudo centra-se numa tentativa em compreender como as mulheres entrevistadas vivenciam a prática da prostituição de interior e de que forma estas vivências se inter-relacionam com os restantes aspectos da sua vida quotidiana.

De uma forma mais específica, o estudo das vivências destas mulheres direcciona-se para a compreensão do tipo de relação que estas mulheres estabelecem com o seu corpo, nas suas esferas profissionais e privadas, tentando clarificar se esta é ou não susceptível de ser alterada e influenciada por estas mesmas práticas.

Igualmente, tenta-se perceber de que forma a experiência destas vivências foi integrada e influenciou as esferas pessoais e privadas destas mulheres, mais concretamente em termos das suas relações afectivas e amorosas privadas.

Pretendem-se analisar as vivências destas mulheres na prostituição abrigada em apartamentos, como um processo, numa perspectiva temporal e desenvolvimental. Desta forma, as questões orientadoras deste estudo focam-se, no início das experiências das mulheres no contexto da prostituição de interior, no seu desenvolvimento enquanto actores deste mesmo contexto, até ao presente, tendo em conta não só o contexto profissional, mas também o privado.

---

<sup>5</sup> No decorrer da investigação, as questões orientadoras foram sendo constantemente reformuladas e refinadas na direcção que a recolha e análise dos dados sugeriam. Desta forma, as questões aqui apresentadas representam o produto final de todo este processo.

## **Percurso Metodológico**

Partiu-se do pressuposto que o estudo de um fenómeno como a prostituição de interior, só seria possível se se privilegiassem os contactos directos com o contexto e os seus actores, além da inclusão das perspectivas dos sujeitos que a vivenciam diariamente. Assim, tornou-se imprescindível compreender a experiência de cada mulher através da inclusão das suas perspectivas pessoais e da construção de significados subjacentes à vivência das esferas profissional e pessoal.

Desta forma, optou-se por uma metodologia de cariz qualitativo. As metodologias qualitativas permitem que o investigador estude temas e fenómenos específicos em profundidade e detalhe, privilegiando a proximidade e o contacto directo entre o investigador e o contexto e sujeitos estudados (Patton, 1990).

Este estudo pretendeu ser de carácter explorativo e interpretativo, não interessando a determinação de uma relação directa de causa/efeito nem o estabelecimento de generalizações. Esta generalização seria imprudente, tendo em conta a complexidade do fenómeno estudado, assim como a diversidade de actores e dos seus percursos de vida.

### **Recolha de dados**

O método de recolha de dados elegido foi a entrevista, mais concretamente, do tipo semi-estruturado, uma vez que privilegia uma interacção directa entre os sujeitos estudados e o investigador. Para Fontana e Frey (1994), a entrevista é uma das ferramentas metodológicas mais comuns e poderosas para alcançar a compreensão da natureza humana, sendo a entrevista semi-estruturada aquela que proporciona uma maior amplitude de dados.

A entrevista seguiu um guião meramente orientador (cf. Anexo I), dividido em 3 temáticas: dados sociodemográficos, questões relativas à actividade e questões relativas à vivência corporal. As questões foram orientadas para que as mulheres descrevessem as experiências vividas dentro e fora da esfera do trabalho sexual, e o sentido que estas lhes atribuem. Este guião não pretendeu ser seguido de uma forma rígida. De acordo com Patton (1990), o guião deverá servir de orientação e garantir que todos os tópicos relevantes são abordados, mas deverá ser suficientemente flexível, para que o

investigador decida qual a sequência e de que forma formula as questões, adaptando a entrevista a cada sujeito. Pretendia-se assim que as mulheres percepcionassem a entrevista de uma forma informal e o mais parecido possível a uma conversa. Esta dinâmica, semelhante a uma conversa, torna a entrevista mais honesta e confiável, uma vez que o sujeito é tratado como um igual, conduzindo-o a expressar-se mais abertamente (Fontana & Frey, 1994).

A realização das entrevistas teve lugar, sempre em locais determinados conjuntamente com as mulheres, maioritariamente nas residências onde as mesmas se dedicavam à prática da prostituição. Com o recurso a um gravador e com o conhecimento e consentimento prévio de cada uma das mulheres, foi realizado o registo áudio das entrevistas, que tiveram uma duração entre 30 a 50 minutos. Como sublinha Patton (1990), o uso do gravador, além de aumentar a precisão da recolha de dados, permita que o investigador esteja mais atento ao sujeito entrevistado<sup>6</sup>.

Previamente à realização das entrevistas, os objectivos e desenho desta investigação, assim como a garantia da confidencialidade das informações prestadas (cf. Anexo II), foram discutidos com todas as mulheres contactadas.

A imersão prévia no campo foi essencial para obter uma compreensão do contexto que se iria estudar, assim como das suas regras definidoras. As constantes incursões ao terreno através das equipas *out-reach*, proporcionaram uma série de contactos prévios à realização das entrevistas. Tal, provou ser de extrema importância para o desenvolvimento de uma relação empática e de confiança com as mulheres entrevistadas. A confiança ganha, como sublinham Fontana e Frey (1994), é essencial para o sucesso<sup>7</sup> da realização da entrevista.

## O Método

A metodologia elegida e cujos pressupostos orientaram todo o processo de recolha e análise de dados, foi a *Grounded Theory* (Charmaz, 1995; Fernandes & Maia,

---

<sup>6</sup> Durante a realização das entrevistas, a investigadora retirou algumas notas contextuais e relativas ao comportamento dos sujeitos entrevistados. Estas notas foram posteriormente tidas em consideração aquando da análise dos dados. De acordo com Charmaz (1995), tomar notas durante a entrevista, ajuda a contextualizar a mesma, auxiliando a posterior análise.

<sup>7</sup> Ao todo realizaram-se treze entrevistas, num período entre Abril de 2011 e Março de 2012. Para efeitos deste estudo, apenas se utilizaram 9 entrevistas. As entrevistas descartadas, apresentavam menor riqueza em termos da informação obtida, pois correspondiam a casos em que ainda não tinha sido estabelecida uma relação empática entre a mulher e a investigadora.

2001; Glaser & Strauss, 1967; Henwood & Pidgeon, 2003; Pidgeon & Henwood, 2004; Strauss & Corbin, 1990, 1994, 1998).

A *Grounded Theory* foi proposta por dois sociólogos, Barney Glaser e Anselm Strauss (1967), na obra *The discovery of Grounded Theory: Strategies for Qualitative Research*. Num determinado momento, estes dois autores separaram-se por razões ideológicas. Strauss associou-se a Juliet Corbin e nos anos de 1990 e 1998 publicaram obras onde apresentam a sua versão da *Grounded Theory* (Charmaz, 1995; Fernandes & Maia, 2001; Henwood & Pidgeon, 2003; Pidgeon & Henwood, 2004; Strauss & Corbin, 1994).

Este método tem como objectivo último gerar teoria, construída com base na recolha e análise sistemática e rigorosa dos dados. Esta metodologia tem por princípio a comparação constante que consiste num movimento contínuo entre a interpretação e o retorno aos dados. Durante este processo os investigadores orientam-se através de um processo indutivo de produção de conhecimento (Fernandes & Maia, 2001).

A *Grounded Theory* pressupõe que a partir de casos e experiências individuais se desenvolvam progressivamente, categorias conceptuais que conduzam a uma síntese compreensiva dos dados de forma a identificar relações e padrões nos mesmos (Charmaz, 1995).

Em termos práticos, esta investigação seguiu as etapas técnicas apresentadas por Strauss e Corbin (1990, 1994, 1998), no entanto, apoiou-se na perspectiva construtivista e interpretativa proposta por Kathy Charmaz (1995).

Charmaz (1995) propõe que a metodologia da *Grounded Theory* pode ser encarada a partir de uma visão mais construtivista e assume a influência do investigador na interpretação dos dados. As perspectivas construtivistas e interpretativas têm como principal objectivo, a compreensão das experiências vividas através da análise dos pontos de vista dos sujeitos que vivem e experienciam essas mesmas vivências. Estas perspectivas partem do pressuposto que os significados e perspectivas são construídos por cada actor social e, que para compreender esses mesmos significados, estes deverão ser interpretados. Depois de interpretados os significados, o investigador apresenta uma construção das construções dos sujeitos estudados (Charmaz, 1995; Schwandt, 1994).

O processo de recolha de dados foi sendo alternado com o processo de análise dos mesmos, possibilitando um constante retorno ao terreno e adaptação das questões orientadoras da recolha de informação.

Numa primeira fase, após a realização de cada entrevista, a mesma era transcrita na sua totalidade<sup>8</sup>, respeitando a anotação de todas as falas das mulheres. Após o processo de transcrição eram realizadas diversas leituras à mesma. Estas leituras, realizadas em profundidade, tinham como objectivo, a selecção do material relevante para análise.

Os procedimentos de codificação pressupostos pela Grounded Theory agrupam-se em três tipos: Aberta, Axial e Selectiva.

A Codificação Aberta consiste na “decomposição, análise, comparação, conceptualização e categorização dos dados” (Strauss & Corbin, 1990, p. 61). A análise pressuposta neste tipo de codificação envolve uma fragmentação e decomposição do material recolhido junto das mulheres, transformando-o em unidades de análise ou códigos. Seguidamente os códigos obtidos são agrupados em categorias e subcategorias (cf. Anexo III), de acordo com relações lógicas. De acordo com esta metodologia, o investigador constrói as categorias conceptuais directamente a partir dos dados recolhidos, ou seja, emergem dos dados, ao invés de derivarem de conceitos ou hipóteses pré-concebidos (Charmaz, 1995; Strauss & Corbin, 1990, 1994, 1998).

A Codificação Axial consiste na reorganização dos dados já conceptualizados através do estabelecimento de relações entre as categorias anteriormente identificadas no processo anterior (Strauss & Corbin, 1990, 1998).

Neste estudo, formalmente não se realizaram todos os passos tecnicamente formulados pela Codificação Axial. No entanto, acabaram por se estabelecer relações de ordem causal entre as categorias definidas, culminando no agrupamento das mesmas em dimensões – esta organização será melhor explicitada no capítulo seguinte deste trabalho.

Embora a construção de teoria seja um dos pontos centrais da metodologia da *Grounded Theory*, este trabalho, não a possui como objectivo. Pretende-se, como foi já referido, explorar, descrever e analisar o fenómeno estudado. Strauss e Corbin (1990) referem que as investigações cujo objectivo, seja a descrição de um fenómeno e não a criação de teoria, como no caso do presente estudo, beneficiam apenas com o uso da Codificação Aberta e da Codificação Axial. De acordo com Charmaz (1995), a maioria dos investigadores que faz uso da metodologia da *Grounded Theory*, tem como

---

<sup>8</sup> Cada entrevista foi numerada e identificada, com um E seguido do número correspondente, por exemplo, E4.



objectivo, não a criação de teoria, mas sim o desenvolvimento de análises conceptuais que sintetizem e descrevam os processos relativos aos fenómenos estudados.

### **Amostra Teórica**

A metodologia da *Grounded Theory* não pressupõe a selecção prévia de uma amostra a estudar. Esta vai sendo definida pela própria análise dos dados, constituindo aquilo que os autores chamam de amostra teórica<sup>9</sup>. A selecção de sujeitos a integrar a definição da amostra, assim como a recolha de dados, cessam quando se atinge uma saturação teórica<sup>10</sup>, ou seja, quando as categorias encontradas estabilizam em termos do seu conteúdo (Strauss & Corbin, 1990, 1998).

A colaboração com os projectos da Associação Existências possibilitou acessos constantes<sup>11</sup> ao contexto da prostituição abrigada em apartamentos. Foi através da realização das equipas *out-reach* e dos seus técnicos que se obteve acesso e localizaram as mulheres entrevistadas.

A selecção de sujeitos participantes nesta investigação obedeceu aos seguintes critérios: serem do sexo feminino, dedicarem-se a práticas de prostituição há pelo menos um ano, terem entrado na actividade por vontade própria e terem mais de 18 anos.

A amostra deste estudo foi constituída por nove mulheres<sup>12</sup> que se dedicam a práticas de prostituição de interior em casas/apartamentos, nas cidades de Coimbra, Aveiro e Portalegre. As mulheres residentes em Coimbra e Aveiro eram utentes da Associação Existências. Nestas duas cidades, as mulheres entrevistadas foram seleccionadas através do contacto com informantes-chave<sup>13</sup>, isto é, através dos técnicos da Associação Existências e de mulheres que já tinham sido entrevistadas. As mulheres residentes na cidade de Portalegre foram contactadas através de anúncios disponibilizados na *internet*.

---

<sup>9</sup> Apresenta-se aqui a tradução de *theoretical sampling*.

<sup>10</sup> Neste estudo, a saturação teórica não foi atingida para todas as categorias definidas, uma vez que, não foi possível contactar e entrevistar mais sujeitos, devido a constrangimentos temporais e da própria organização do estudo.

<sup>11</sup> Os contactos com o fenómeno da prostituição ocorreram entre Novembro de 2010 e Março de 2012, correspondendo a todo o processo de recolha de dados, que se desenrolou entre Abril de 2011 e Março de 2012.

<sup>12</sup> Foi pedido às mulheres que apresentassem nomes fictícios durante a realização das entrevistas. A maioria utilizou o nome profissional, sendo aqui apresentadas apenas as iniciais.

<sup>13</sup> Patton (1990) designa esta estratégia de selecção dos sujeitos por *bola de neve* ou amostragem em cadeia. Permite a identificação de casos com interesse para o estudo, através do contacto com informantes privilegiados.

Segundo Oliveira (2004) as mulheres que se dedicam à prostituição em contexto de interior constituem um grupo heterogéneo relativamente às suas características sociodemográficas. A amostra analisada nesta investigação apresentou essa mesma heterogeneidade, no entanto, podem delinear-se alguns aspectos que pareceram comuns e representativos deste grupo.

	S.	V.	M.	N.	R.	C.	K.	L.	G.
<b>Idade</b>	39	25	28	50	34	33	26	28	27
<b>Estado Civil</b>	Solteira	Solteira	Separada	Divorciada	Divorciada	Separada	Solteira	Solteira	Solteira
<b>Nacionalidade</b>	Brasileira	Portuguesa	Portuguesa	Russa	Portuguesa	Portuguesa	Brasileira	Brasileira	Brasileira
<b>Escolaridade</b>	12º ano	9º ano	12º ano	Ensino superior	Ensino superior	6º ano	12º ano	Ensino Superior	Ensino superior
<b>Filhos</b>	1	Não tem	1	1	Não tem	2	2	Não tem	Não tem
<b>Parceiro(a)</b>	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Não	Não	Não	Sim
<b>Agregado familiar</b>	Sozinha	Parceiro	Filho e parceiro	Filha	Sozinha	Pais e irmãos	Amiga	Amiga	Parceiro
<b>Anos na actividade</b>	13	2	5	12	8	2	2	2	4
<b>Local de actividade</b>	Coimbra	Aveiro	Aveiro	Aveiro	Coimbra	Coimbra	Portalegre	Portalegre	Portalegre
<b>Actividade paralela</b>	Não tem	Não tem	Não tem	Não tem	Não tem	Não tem	Não tem	Não tem	Não tem

**Tabela 1** – Caracterização Sociodemográfica das mulheres entrevistadas

As mulheres entrevistadas tinham entre 25 e 50 anos de idade e um tempo de permanência na actividade entre 2 e 13 anos.

Quatro mulheres eram de nacionalidade portuguesa, quatro de nacionalidade brasileira e uma mulher era originária da Rússia, tendo obtido posteriormente, a nacionalidade portuguesa.

Relativamente ao estado civil, cinco mulheres eram solteiras e quatro estavam separadas ou divorciadas. Cinco mulheres tinham entre um a dois filhos.

Estas mulheres apresentavam uma escolaridade elevada, algumas delas com licenciaturas e mestrados. Apenas duas mulheres não tinham completado a escolaridade obrigatória.

Nenhuma destas mulheres tinha, no momento da realização da entrevista, nenhuma actividade profissional paralela à prostituição. No entanto, todas elas referiram terem tido um percurso profissional prévio à entrada neste contexto.

Aquando da realização da entrevista, todas as mulheres se dedicavam exclusivamente à prostituição de interior, abrigada em apartamentos. Apenas três destas

mulheres referiram ter tido experiências profissionais em alterne e/ou na prostituição abrigada em clubes ou bares, anteriores à sua entrada no contexto das casas/apartamentos.

### **Validação do estudo**

De acordo com Yin (2011), um estudo qualitativo com validade é aquele que procedeu ao processo de recolha e de análise dos dados de uma forma apropriada, de maneira a que os seus resultados e conclusões representem de forma correcta o fenómeno estudado.

Yin (2011) cita Joseph Maxwell (2009) e sugere as sete estratégias<sup>14</sup> apresentadas por este autor, como formas eficazes para combater as ameaças à validade de um estudo. São elas:

- Envolvimento intensivo e a longo prazo no campo estudado, de forma a produzir um entendimento completo e em profundidade do contexto que se pretende estudar;

- Realizar a recolha de dados, num nível o mais detalhado e completo possível, durante a realização das entrevistas;

- Obter validação dos dados recolhidos por parte dos sujeitos entrevistados, de maneira a reter *feedback* acerca de possíveis enviesamentos decorrentes da interpretação das perspectivas dos mesmos;

- Procura de evidências discrepantes e casos negativos, e a sua posterior integração e comparação com as opiniões prevalentes entre a maioria dos sujeitos;

- Triangulação, recolher evidências convergentes a partir de diferentes fontes. Este método será melhor explicitado no capítulo seguinte deste trabalho;

- Uso de quasi-estatística, ao apresentar os resultados, privilegiar o uso de números ao invés de adjectivos como “raro” e “prevalente”;

- Comparar os resultados obtidos entre diferentes contextos e grupos.

---

<sup>14</sup> Das sete estratégias apresentadas, todas foram utilizadas, salvo as relativas à obtenção de *feedback* junto dos sujeitos e à comparação entre grupos. Embora se considere que teria sido de extremo interesse e importância, não se tornou possível a sua aplicação, devido a constrangimentos temporais e de organização do presente trabalho.

## Análise e Discussão dos Resultados

Aliada à construção prévia de uma relação empática, a utilização da entrevista semi-estruturada favoreceu a obtenção de uma grande extensão de dados com uma riqueza informacional imensa. O percurso de recolha e análise dos dados, de acordo com os pressupostos da *Grounded Theory*, seguido e explicitado anteriormente, culminou numa organização, articulação e sistematização da informação obtida que se tentará condensar nas páginas que se seguem.

Na apresentação dos dados obtidos optou-se pela utilização de algumas transcrições das entrevistas realizadas, de forma a privilegiar a inclusão das falas das mulheres e dos significados que atribuem às suas vivências na prostituição de interior e, ainda, justificar e enriquecer o texto apresentado. De acordo com Yin (2011), os resultados de um estudo qualitativo devem ser apresentados incluindo as perspectivas dos seus participantes.

De forma a garantir a validade dos resultados seguidamente apresentados, foi utilizado o método da triangulação, anteriormente referido. O princípio da triangulação tem como objectivo o cruzamento de pelo menos três formas, através das quais se verificará a descrição dos resultados de um estudo (Yin, 2011).

No presente estudo a triangulação dos dados obtidos, realizou-se, tendo por base três eixos: a interpretação dos dados realizada pela investigadora<sup>15</sup>; a experiência da investigadora, apreendida durante o estágio curricular; e a corroboração com resultados de investigações<sup>16</sup> realizadas no contexto do fenómeno estudado. Neste caso, a experiência da investigadora, foi sendo adquirida durante o estágio curricular nas incursões realizadas ao contexto estudado, e através dos contactos estabelecidos com os

---

<sup>15</sup> De salientar que os dados seguidamente apresentados, não existem independentemente da interpretação efectuada pela investigadora. Assim, a investigadora assume a responsabilidade dessa mesma interpretação e tenta que os dados sejam aqui explicitados da forma mais exacta possível, tal como lhe foram apresentados durante as entrevistas.

<sup>16</sup> Dada a escassez de estudos no âmbito do fenómeno aqui estudado, nomeadamente no nosso país, os dados serão corroborados com os resultados de investigações realizadas em vários países. Também os contextos estudados por estas investigações, não se circunscreveram apenas à prostituição de interior. Algumas focaram o contexto de rua e outras o de interior, e outras estudaram ambos. De qualquer forma, fez-se uso dos resultados dessas investigações, uma vez que a própria massa investigativa consultada, tem vindo a realizar comparações e a corroborar os resultados obtidos com resultados de diversos contextos estudados. No entanto, apesar de se ter feito uso de resultados oriundos de outros contextos da prostituição, teve-se em conta especificidades culturais e contextuais inerentes a cada investigação consultada.

utentes e com técnicos da Associação Existências. A construção da experiência da investigadora, relativamente ao fenómeno estudado, não foi o produto de um processo solitário, tendo-se desenvolvido através da vivência directa no terreno e da contribuição abundante da partilha de perspectivas por parte dos utentes e técnicos.

As categorias e subcategorias obtidas através da Codificação Aberta, mediante o estabelecimento de relações entre as mesmas, foram agrupadas em quatro dimensões, como demonstra a Tabela 2. Este agrupamento foi realizado de forma a facilitar a apresentação e compreensão dos resultados no texto que se segue.

LEGITIMAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA ACTIVIDADE		VIVÊNCIAS CORPORAIS E EMOCIONAIS NA ACTIVIDADE		RELAÇÃO PROFISSIONAL vs. RELAÇÃO PRIVADA		CONSEQUÊNCIAS DECORRENTES DAS VIVÊNCIAS NA ACTIVIDADE	
Motivos de entrada na actividade		Vivência das experiências iniciais na actividade		Vivência da relação sexual com o parceiro		Implicações na relação afectiva com o parceiro	
		Mudanças/Alterações experienciadas desde a entrada na actividade	Aprendizagens/ Comportamentos Aprendidos	Limites simbólicos/ Comportamentos diferenciadores	Emoções	Vivência da relação sexual depois da entrada na actividade	
Comportamentos	Vivência de preconceito e discriminação						
	Caracterização da Actividade	Nome que dá à actividade	Vivência da relação sexual com clientes		Experiência de prazer sexual com clientes	Visão do corpo depois da entrada na actividade	
Estratégias mediadoras da vivência da relação sexual com clientes			Emoções <sup>17</sup>	Implicações no cuidado do corpo		Saúde	
	Perspectivas de futuro	Estratégias de Prevenção			Relação afectiva/amorosa com clientes	Aparência	
Pensamentos <sup>18</sup>			Comportamentos <sup>19</sup>	Com clientes			
				Com o parceiro			

**Tabela 2** – Sistematização das Categorias e Subcategorias e seu agrupamento em Dimensões

<sup>17</sup> Emoção – “Termo conceptualmente amplo referente aos aspectos afectivos da consciência humana.” (Tuleya, 2007, p.99).

<sup>18</sup> Pensamento – “Processo cognitivo envolvido na manipulação de conceitos e ideias.” (Tuleya, 2007, p.303).

<sup>19</sup> Comportamento – “Termo conceptualmente amplo referente a qualquer ou a todos os aspectos do comportamento humano ou animal.” (Tuleya, 2007, p.34).

## **Legitimação e caracterização da prostituição**

Pretendeu-se compreender quais as razões e causas que motivaram a entrada destas mulheres na prostituição, tentando ainda clarificar de que forma estas caracterizam esta actividade profissional, assim como quais as suas perspectivas de futuro.

Relativamente às causas e motivos para entrada na actividade, todas as mulheres entrevistadas indicaram uma causa de cariz económico. Os motivos por detrás das dificuldades financeiras variaram entre o desemprego, divórcio, separação e/ou falecimento do parceiro. Motivos semelhantes foram apontados por investigações realizadas em Portugal, nos contextos de interior e de rua (Manita & Oliveira, 2002; Oliveira, 2004, 2011).

Para as mulheres com filhos, a sustentação dos mesmos foi indicada como a principal razão para a entrada destas mulheres na prostituição, tal como sustenta M.,

*“(...) se eu vim para isto, foi para ter um nível de vida melhor, para poder proporcionar algumas coisas ao meu filho, em termos de estudos, alimentação, todas essas coisas que uma criança precisa e não ter de estar a olhar se tenho 5 se tenho 10 (...)”, E3*

A necessidade de conforto financeiro e a percepção da prostituição como uma actividade potenciadora de um ganho considerável de dinheiro, foi apontada por algumas mulheres como outra das motivações para a entrada.

G. foi a única mulher a indicar o sexo como uma das razões para a entrada na prostituição.

*“(...) eu achava, vou juntar o útil ao agradável, vou ganhar dinheiro e vou fazer sexo que é uma coisa que eu gosto...mas não é bem assim (...)”, E9*

Em todos os casos, denotou-se que a entrada na actividade não dependeu apenas da influência de um único factor, mas sim de uma convergência de vários motivos, resultantes em situações de desamparo para a maioria destas mulheres. Desta forma, não se pretende sugerir que as causas de cariz económico são os factores determinantes da entrada destas mulheres na prostituição. Assim, a decisão da entrada na actividade entende-se como o resultado de uma série de acontecimentos e de factores, desta forma não podendo ser simplificado ou generalizado.

A maioria destas mulheres referiu ter entrado na actividade com um ou mais objectivos que pretendiam alcançar. Estas metas estavam quase sempre relacionadas com dois factores, os filhos, quando os tinham, e obter uma segurança financeira capaz de assegurar um futuro com algum conforto económico.

Para as mulheres com filhos, a necessidade de lhes poderem garantir um presente e um futuro com conforto, foi tida como a principal razão para a entrada e para continuarem na actividade.

*“Mas...eu penso assim...eu não estou fazendo isso em vão, tem um motivo muito forte, porque meus filhos, para mim, vêm em primeiro lugar de tudo, então para mim, eles valem a pena o sacrifício que eu estou fazendo!”*, E7

São os filhos que justificam esta opção de vida e é por eles que admitem sacrificar-se. Também Oliveira (2004, 2011) refere os filhos das mulheres por si investigadas como um dos factores decisivos na entrada e manutenção da actividade, sublinhando ainda que é o amor pelos filhos que as faz contornar as normas morais impostas pela sociedade. No caso de S., o término do seu envolvimento na prostituição acontecerá quando o seu filho atingir a idade adulta e tiver autonomia financeira.

*“(...) quando ele for adulto e tiver trabalhando, aí a gente logo vê como faz as coisas (...) é como se eu tivesse feito o meu trabalho, mas enquanto ele for menor, não posso, tenho que cuidar!”*, E1

Os objectivos que estas mulheres traçaram aquando da sua entrada na actividade, foram os motivos por elas apresentados para continuarem a dedicar-se às práticas de prostituição. Estas metas foram estabelecidas em termos monetários ou de aquisição de bens, ou ainda em termos temporais, estabelecendo uma data para o término do envolvimento na prostituição.

*“Assim tão depressa não, mas assim mais cinco anitos, queria ver se deixava de trabalhar nisto! Eh...epá, investir algum dinheiro, rentabilizar, arranjar outra profissão...mais...normal digamos assim! Mas não sei, a vida dá tanta volta, não sei, sinceramente não posso dizer se vou fazer isto ou se vou fazer aquilo, porque eu também nunca pensei vir para a prostituição e também vim!”*, E3

Apenas G. admitiu ter já cumprido o objectivo que tinha traçado aquando da sua entrada na prostituição. Ainda assim, refere que as perspectivas de futuro, relativamente à actividade, não são ainda muito claras.

*“Primeiro eu vou para o Brasil, vou no mês que vem, ver como é que estão as coisas lá e depois eu penso...depois eu vejo o que é que eu faço...se eu fico lá, se eu venho para cá...vamos ver as coisas!”*, E9

Relativamente ao futuro, as perspectivas destas mulheres variaram entre, a convicção de que a sua passagem por este contexto seria breve e passageira e uma vontade de abandonar a actividade e arranjar um trabalho “normal” (denotada principalmente nas mulheres mais jovens); e a consciência clara de que não abandonariam a prostituição até obterem o que desejavam. No entanto, aquilo que pareceu ser comum a todas estas mulheres foi uma certa incerteza relativamente ao futuro. Este sentimento era transversal a todas, tanto nos casos em que tinham objectivos traçados para cumprir e metas estabelecidas, como naqueles em que demonstravam vontade de abandonar a prostituição.

Quando foram questionadas acerca do termo que escolheriam para nomear a actividade que praticam, cinco mulheres alternaram entre termos como *prostituição/prostituta, profissional do sexo, garota de programa* e ainda *administradora do corpo*.

*“Talvez...profissional do sexo...é uma coisa muito mais agradável! Ou consultas indeterminadas...porque nós, às vezes...os homens começam a desabafar, não é?”*, E4

*“(...) eu costumo dizer, olha, patroa, peço desculpa a expressão, é a minha cona, porque é ela que me dá a ganhar dinheiro (...) Para mim a minha profissão, é administradora do meu corpo, porque eu faço dele o que eu quero, ninguém tem nada a ver com isso!”*, E5

Todos estes termos convergem para a percepção comum que estas mulheres têm de que estão a prestar serviços mediante um pagamento, sendo que esses serviços têm um significado sexual ou erótico para quem os compra.

*“(...) eu estou-me prostituindo, porque a partir do momento que você usa seu corpo para ganhar dinheiro, é prostituição, em qualquer lugar (...)”*, E7



Das restantes mulheres, uma delas mostrou-se bastante nervosa quando a questão lhe foi colocada e assumiu que não conseguiria responder, por se tratar de uma pergunta muito difícil. Três destas mulheres não responderam directamente a esta pergunta, limitando-se a afirmar que consideravam a actividade como um trabalho e/ou uma profissão. Pareceu que estas mulheres, talvez por reconhecerem que alguns dos termos que habitualmente se associam à actividade trazem embutida uma carga elevada de preconceito, recusaram ou arranjam formas de não os pronunciar.

O reconhecimento do estigma associado a alguns termos esteve também presente, mesmo entre as mulheres que não tiveram dificuldade em nomear a actividade.

*“(...) puta sim, fico muito revoltada (...)”, E5*

Excepção foi o caso de M. que demonstrou, durante a entrevista, não ter dificuldade em lidar com a utilização de alguns termos, independentemente do estigma ou preconceito associado.

*“(...) regra que eu aprendi quando entrei para a putaria (...) eu posso ser puta mas não sou burra (...)”, E3*

Foi comum a todas as mulheres entrevistadas o facto de considerarem a actividade a que se dedicam como um trabalho ou profissão. No entanto, foi na forma como o percebiam que se encontraram divergências e, por vezes, até contradições. Oliveira (2004, 2011) refere que as mulheres abrangidas pelas suas investigações também consideram a prostituição como um trabalho, além de que também se dividem na maneira como o encaram.

Comum a todas as mulheres, foi também o facto de admitirem que a prostituição, apesar de ser um trabalho, traz acoplada uma certa dificuldade na sua manutenção, nomeadamente em termos emocionais e físicos.

A partir daqui as percepções das mulheres dividiram-se entre: o reconhecimento de que apesar de ter algumas características menos positivas, a prostituição não deixa de ser uma profissão com algumas regalias e vantagens; e a percepção da actividade como uma experiência negativa, independentemente do ganho monetário.

*“E é assim, neste momento, eu não trocava a minha profissão, acho que...é assim, não há outro trabalho, neste momento, que me desse as regalias que eu tenho neste (...)”, E3*

*“Porque nós recebemos muito, não digo o contrário, mas não compensa, muitas das vezes não compensa, é a nossa dignidade, é o risco, é a vergonha, e isso não há ninguém que pague!”*, E2

Se por um lado consideram a prostituição como uma profissão, por outro, admitem que quando abandonarem a actividade, gostariam de arranjar um trabalho “normal” ou “decente”. Mais uma vez, parece que esta contradição poderá estar relacionada com o estigma associado à prostituição que, estará de tal forma generalizado, que as próprias mulheres o reconhecem e acabam por aceitar.

*“Apesar de a gente tentar encarar como...“é um trabalho, é um trabalho”, a gente sempre procura...eh...mostrar não para os outros, para a gente mesmo, que é um trabalho como outro qualquer...mas a gente sabe que não é! É um trabalho? Sim! Mas não é como outro qualquer!”*, E7

E foi certamente o reconhecimento deste estigma e preconceito com que a sociedade sempre revestiu a prostituição que conduziu estas mulheres a admitirem sentir um desejo forte de que esta actividade pudesse vir a ser encarada de uma forma aceitável e como um “trabalho igual aos outros”. Principalmente as mulheres de nacionalidade portuguesa demonstraram grande vontade de que a situação legal relativa ao exercício da prostituição fosse regularizada em Portugal, de maneira a que aos trabalhadores sexuais pudessem ser reconhecidos os mesmos direitos e deveres que a todos os outros trabalhadores.

*“Eu acho que era muito mais bonito legalizar isto, eu digo-te muito sinceramente, eu como portuguesa que sou, não me importava de pagar por aquilo que eu ganho disto! Legalizavam isto! Em Espanha é legal! Eu estive em Espanha, tive lá uma situação num bar, eu fui defendida pela polícia, eu!”*, E5

### **Vivências corporais e emocionais na actividade**

Durante a realização das entrevistas, um dos aspectos que se tentou aprofundar, junto das mulheres, foi a forma como estas vivenciam corporalmente a relação sexual com os clientes.

Os primeiros encontros sexuais com clientes foram descritos por todas as mulheres como experiências bastante difíceis e negativas.

*“Foi horrível! Ficava...chegava em casa com febre a 38, ficava na banheira uma hora a lavar-me, sentia-me como se fosse...como se andasse a roubar alguma coisa de alguém...assim uma coisa esquisita...um sentimento de culpa...sei lá...passava pela rua e pensava que toda a gente sabe o que é que eu faço, quem eu sou, foi uma coisa...traumatizante! E depois achava estranho, como é que vou entrar num quarto, com um homem que eu não conheço de lado nenhum, tenho que lhe dar carinho, fazer sexo com ele (...) Pronto...no princípio foi terrível...muito complicado!”, E4*

Consideravam-se inexperientes e revelaram que, de início, não se achavam preparadas para lidar com as exigências físicas e emocionais da actividade.

Referiram que inicialmente sentiram bastante dificuldade em lidar com a relação sexual e com o corpo alheio. A referência ao nojo e repulsa pelo cliente foi comum à maioria das mulheres, que indicaram repercussões na gestão da relação com o seu próprio corpo, como relata M.

*“(...) quando ia tomar banho, tinha uma esponja muito grossa, que eu esfregava até o corpo ficar vermelho! Pronto, tentar, digamos, tirar a sujidade (...)”, E3*

Emocionalmente, as mulheres vivenciaram este período de uma forma extremamente negativa, oscilando entre a vergonha, o constrangimento, o medo e uma sensação de mal-estar emocional generalizado. A gestão conflituosa destas primeiras experiências foi traumatizante e teve implicações emocionais negativas, tendo sido descritas pelas mulheres como um período marcante que nunca iriam esquecer.

*“(...) nas primeiras semanas...eu estava a apanhar o comboio e quando dei conta tinha as lágrimas a cair, “oh, mas porque é que eu estou a chorar?”, limpei as lágrimas e passou...simplesmente o meu corpo chorou, porque eu estava a pensar no trabalho (...)”, E2*

Todas as mulheres referiram que, depois de vivenciarem esta fase inicial negativa, passaram por um processo de mudança e aprendizagem, evidência também relatada nas investigações de Oliveira (2004, 2011). As mudanças foram maioritariamente internas e únicas a cada mulher, ou seja, coube a cada uma realizar uma adaptação emocional própria e ao seu ritmo, no entanto, os resultados pareceram ser idênticos para todas.

As mulheres referiram que as mudanças experienciadas as conduziram a um equilíbrio e a uma certa habituação e normalização da vivência da prostituição. O

processo de mudança foi entendido pelas mulheres como algo necessário para uma experiência equilibrada da actividade, como nos relata S.

*“(...) muda muita coisa no nosso mundo, na nossa cabeça, a gente até meio que é obrigada a mudar, você está entendendo? Para se adaptar a esse tipo de vida, porque se você não muda, você sofre, não é? (...) E depois com o tempo, a gente começa a se...a se normalizar com tudo isso (...)” E1*

Referiram sentirem-se mais experientes e, foi justamente a experiência, das mesmas e das suas colegas, que as ensinou e auxiliou neste processo de adaptação. Foi através da sua experiência e do contacto com colegas mais experientes que estas mulheres foram adquirindo aprendizagens que, segundo as mesmas, provaram ser fulcrais no processo de adaptação à prostituição.

As aprendizagens enunciadas pelas mulheres referiam-se maioritariamente a técnicas e modos para vivenciar, de uma forma mais fácil e rápida, a relação sexual com os clientes. Todas referiram que o tempo e experiência lhes ensinaram formas e técnicas para diminuir o tempo do acto sexual e para obterem o máximo de controlo durante o mesmo. A maioria das mulheres afirmou ter aprendido a observar e a estudar o cliente, de modo a compreender aquilo que este mais aprecia e que o parece excitar mais facilmente.

*“Eu aprendi com a experiência que você tem de prestar atenção no cliente e naquilo que o excita mais e naquilo que ele gosta mais e assim fica mais fácil de acelerar!”, E9*

Desta forma, as mulheres adoptam uma série de técnicas, que adaptam a cada cliente, para assim acelerarem a relação sexual - estas técnicas serão abordadas mais à frente nesta análise.

Outra aprendizagem que a maioria das mulheres entrevistadas reconheceu ter adquirido foi a construção de uma nova identidade ou a construção de um personagem, exclusivos para o contexto da actividade.

*“(...) você aprende a...na hora que está no trabalho, você ser uma pessoa, na hora que está lá fora, você ser outra...meio como se a gente estivesse num filme, a gente aprende a ser uma artista aqui dentro, a não deixar misturar as coisas, porque senão acho que a gente não aguentaria psicologicamente.”, E7*

*“Você aprende a levar essa vida como nos filmes...tem que fazer um personagem, eu aprendi a criar um personagem...você cria um personagem para ajudar você a lidar com isso, porque assim é um pouco mas fácil!”*, E9

Esta nova identidade assume aspectos comuns à maioria das mulheres, que se puderam constatar não só durante a realização das entrevistas, mas também durante o estágio curricular. Estes aspectos que diferenciam o Eu da personagem são tão variados como a adoção de um nome profissional, a utilização de roupa, calçado, maquiagem e acessórios específicos para o contexto de trabalho e ainda a encarnação de uma postura e de um tom de voz adequados à situação<sup>20</sup>. Algumas investigações têm evidenciado que a construção de uma identidade específica para o contexto de trabalho constitui uma das estratégias que as mulheres utilizam para vivenciarem a prática da prostituição (Oliveira, 2004; Sanders, 2005; Silva, 2005).

Porém, a habituação e normalização da prostituição sentida pelas mulheres, não invalidaram o facto de a maioria continuar a vivenciar experiências negativas do ponto de vista físico e emocional, como explica G.

*“(...) nem sempre estamos à vontade, porque é uma pessoa estranha, que você nunca viu de lado nenhum...então você não se sente à vontade mas você se acostuma, você aprende a arranjar maneiras daquilo se tornar um pouco mais fácil!”*, E9

Ainda que a prática e a experiência tenham ensinado estas mulheres a colocar uma barreira entre a sua vida profissional e pessoal, nem sempre estas o conseguem realizar com sucesso. Existem, por vezes, situações em que admitem continuarem a ter problemas em lidar com o seu corpo, referindo, em alguns casos, sentirem emoções negativas relativamente a si próprias.

*“(...) quando ele sai normalmente eu tomo banho. Não é que eu esteja suja ou que o cliente estivesse sujo, mas eu não me sinto bem!”*, E5

Mesmo nos casos em que o tempo de trabalho é já considerável, são muitas as referências ao nojo e repulsa pelo corpo de alguns clientes. No entanto, como muitas mulheres admitiram, com o passar do tempo, são situações que se verificam apenas

---

<sup>20</sup> Por diversas vezes, tanto aquando da realização das equipas *out-reach* no estágio, como inclusive, durante a realização das entrevistas, assistiu-se à encarnação deste personagem. Sempre que uma mulher atendia um telefonema de um cliente, a sua postura e tom de voz mudavam radicalmente. Assim que desligavam o telefone, voltavam ao seu Eu.

esporadicamente, dependendo quase sempre de características de alguns clientes e do estado emocional das próprias mulheres no momento da relação sexual.

*“(...) não é fácil estar com um cliente que tem idade para ser teu avô, por exemplo, e sentir que ele está-te ali a tocar e...incomoda (...)”, E2*

Foi comum a todas as mulheres, a afirmação de que durante o acto sexual com os clientes, o seu pensamento diverge daquele momento específico. Durante a relação sexual, estas mulheres admitem fazer o máximo de esforço para não pensarem no sexo com o cliente. Para isso, tentam dirigir o seu foco de atenção para uma série de pensamentos diversos. Estes podem variar entre assuntos banais do seu dia-a-dia, até uma tentativa de se centrarem nos ganhos monetários. Algumas mulheres admitiram ainda que tentam mesmo não pensar e “*desligar*” da situação.

*“Faço contas, penso em outras coisas, penso em coisas que eu tenho que fazer, penso em coisas do dia-a-dia...para não sentir aquilo passar (...)”, E1*

Foi também comum a todas, um desejo forte de que os clientes atinjam rapidamente o orgasmo e que a relação sexual termine no menor espaço de tempo possível. Para que tal aconteça, como foi já referido anteriormente, as mulheres realizaram aprendizagens que as levam a adoptar técnicas comportamentais que induzem rapidamente o orgasmo aos clientes e que reduzem a duração da relação sexual. Estas técnicas são variadas e incluem a utilização de algumas posições sexuais e linguagem potencialmente mais estimulantes. As mulheres tentam adequar a utilização destas técnicas, baseando-se no “estudo” e observação de cada cliente.

*“Porque para a gente, quanto mais rápido ele for embora, melhor! Tanto na parte financeira, quanto ali na hora da convivência, porque quanto menos tempo você tiver que ficar com a pessoa que está ali, para a gente melhor, então...! Tem algumas posições...assim...que para eles é mais rápido!”, E7*

*“(...) movimentos e essas coisas, posições que eu vejo que facilita, que é mais rápido e...falo algumas coisas que acho que também vai deixá-lo mais excitado (...)”, E1*

Oliveira (2004) no seu estudo em contexto de interior, sublinha que divergir o pensamento, o desejo que a relação acabe rápido e a adopção de estratégias para

acelerar a mesma, são aspectos comuns à maioria das mulheres durante a relação sexual com os clientes.

Relativamente às mulheres entrevistadas, foi também comum a referência ao fingimento de prazer sexual, como uma das estratégias utilizadas para acelerar a relação com o cliente. Este fingimento parece não ser exclusivo das mulheres que se dedicam ao trabalho sexual, uma vez que, de acordo com Roberts, Kippax & Waldby (1995), a simulação de orgasmos e de excitação sexual é uma habilidade aprendida através da partilha de histórias, imitação e performance dramática.

As aprendizagens que realizaram ao longo do tempo e a experiência, ajudou-as a desenvolverem uma indiferença e um distanciamento emocional relativamente às exigências do trabalho que desenvolvem. Aprenderam a separar o Eu da personagem que criaram especificamente para a vivência na actividade e, para estas mulheres, a fronteira que divide estas duas identidades está bastante clara.

Estas estratégias de gestão emocional permitem a estas mulheres fazerem uso do seu corpo como um instrumento de trabalho. Tal permite-lhes minimizar não só o tempo da relação com o cliente, como ainda, as repercussões emocionais que esta lhes pode causar.

### **Relação Profissional vs. Relação Privada**

Pretendeu-se compreender de que maneira as mulheres vivenciam as suas esferas profissional e privada e se estas se chegam a entrecruzar e de que forma. Assim, foi pedido às mulheres que nomeassem as diferenças entre os encontros sexuais na profissão e aqueles que ocorrem na sua intimidade afectiva.

Todas elas foram bastante claras e precisas quando se tratou de diferenciar a relação que têm no trabalho da relação sexual que têm com os seus parceiros nas suas vidas privadas<sup>21</sup>.

Houve unanimidade entres as mulheres, quando, ao referirem-se ao encontro sexual com os seus parceiros, o descreveram como algo totalmente diferente da relação sexual que têm com os clientes em termos profissionais.

---

<sup>21</sup> Aquando da realização das entrevistas, três mulheres não se encontravam em nenhuma relação amorosa. Foi-lhes pedido que se referissem à experiência de uma relação amorosa anterior, paralela ao período de exercício da prostituição.

Para estas mulheres, as relações sexuais que têm com os clientes são vistas exclusivamente como uma troca comercial, como trabalho.

*“(...) eu não transo com ele por dinheiro nem por interesse. Eu estou com ele porque eu amo ele e porque ele me ama, não é? Então é diferente, quando a gente faz...quando a gente transa não é o sexo, a gente faz amor (...) fazer amor, é estar com a pessoa que você ama, é aproveitar ao máximo o momento, é ser interessante, é você gostar...ou seja...é um encontro, né? (...) esse encontro é completamente diferente daquilo que eu vivo aqui (...)”, E1*

*“Muitos clientes dizem “ah vamos fazer amor” e eu digo “amor eu faço em casa com o meu homem, você se quiser fazer amor, faz em casa com a sua mulher, isto aqui é sexo, você vem cá, esvazia os tomates, desculpa lá o termo, esvazia os tomates e vai embora, aqui não há amor”.”, E2*

A relação com os clientes é apenas sexo para estas mulheres. Sexo pago, desprovido de amor, de sentimentos, de afectividade e de intimidade. É um acto mecânico e artificial que todas referem ter automatizado e, durante o qual, muitas dizem sentir-se como uma máquina ou um *robot*.

Pelo contrário, a relação sexual com o parceiro é um espaço revestido de afecto e de intimidade. Estas mulheres foram bastante claras ao mencionar que não faziam sexo com os seus parceiros, mas sim amor. Este encontro sexual é visto por todas como algo espontâneo e natural, durante o qual se sentem bem e se entregam e envolvem totalmente, ao contrário da relação profissional.

*“Uma coisa é o trabalho, que é uma coisa mecânica, outra coisa é um envolvimento pessoal que é uma coisa muito espontânea, que acontece na hora, no momento, e a gente vai andando, não é?”, E3*

Esta demarcação clara que as mulheres realizam entre a esfera profissional e a esfera privada e entre a relação sexual comercial e a relação sexual afectiva, encontra-se em diversas investigações e é conseguida através da adopção de um conjunto de estratégias (Oliveira, 2004, 2011; Pasini, 2000; Ribeiro, Silva, Ribeiro & Sacramento, 2005; Sanders, 2004, 2005; Warr & Pyett, 1999)

Aliado ao conjunto de estratégias que as mulheres adoptam para vivenciar a relação profissional, encontra-se ainda um conjunto de limites simbólicos, que parecem auxiliar a delimitar a fronteira entre a relação sexual comercial e aquela revestida de



valor sentimental. Estes limites simbólicos revelam-se em termos comportamentais e emocionais.

Como foi já referido, estas mulheres não atribuem qualquer implicação afectiva à relação com o cliente. Tal traduz-se, durante a relação, numa recusa em desempenhar determinados gestos e comportamentos aos quais se reconhecem significados afectivos. Qualquer demonstração física de carinho é “proibida” pelas mulheres durante o acto sexual e, por isso, tentam reduzir ao máximo o contacto físico com os clientes, tocando-lhes o menos possível. Também limitam o toque dos clientes ao seu corpo, da mesma forma que se recusam a determinadas práticas sexuais<sup>22</sup>, que segundo elas, são exclusivas para a sua vida privada.

*“(...) não deixo meter dedos...nunca deixei...não deixo fazerem-me sexo oral (...)”, E4*

Comum a todas, sem excepção, foi a referência à recusa em beijar os clientes, na boca ou em outras partes do corpo.

*“E...beijos na boca...eu não dou beijos na boca dos clientes...não gosto...não deixo, de jeito nenhum...não só pela afectividade, mas também, porque eu acho que isso é uma coisa muito particular...não deixo, já digo logo que não!”, E8*

O beijo tem, para estas mulheres, associado um significado muito forte de intimidade e, por isso mesmo, recusam-no aos clientes e reservam-no para as suas relações amorosas privadas. O beijo tem sido também referenciado em várias investigações, como um divisor simbólico entre o trabalho e o afecto (Manita & Oliveira, 2002; O’Connell Davidson, 1995; Oliveira, 2004, 2011; Pasini, 2000; Ribeiro et al, 2005; Silva, 2005; Warr & Pyett, 1999).

Aliado ao beijo, surge a utilização do preservativo, como outro limite referenciado unanimemente pelas mulheres. Todas elas referiram que se recusam a ter qualquer tipo de contacto físico e sexual com os clientes, a menos que estes utilizem o preservativo. Por sua vez, nas relações com o seu parceiro, apenas S. admitiu utilizar

---

<sup>22</sup> A limitação de certas zonas corporais e práticas sexuais pode funcionar como limite que separa a profissão da esfera privada, mas também pode ser limitada seja em que esfera for, da vida destas mulheres. Exemplo disso mesmo é a referência à prática de sexo anal com clientes, que se verificou também durante a realização das equipas *out-reach*. Algumas mulheres recusam praticar sexo anal durante a relação com os clientes, por considerarem esta uma prática que necessita o estabelecimento de um vínculo afectivo e de confiança e, por isso mesmo, só a realizam com os seus parceiros. Outras mulheres, simplesmente não praticam sexo anal, com clientes ou com os parceiros, por razões de ordem moral, cultural e/ou religiosa.

preservativo, enquanto as restantes não utilizam, embora no início do relacionamento possam ter utilizado. Os motivos apresentados pelas mulheres para o uso do preservativo com os clientes foram, primeiramente a preocupação com a prevenção do VIH (Vírus da Imunodeficiência Humana) e das restantes IST's (Infecções Sexualmente Transmitidas), seguido da tentativa de demarcação entre a vida profissional e particular. Também numa série de investigações, o preservativo foi apontado como outro divisor simbólico largamente referenciado, além de popular e indispensável método preventivo (Manita & Oliveira, 2002; O'Connell Davidson, 1995; Oliveira, 2004, 2011; Pasini, 2000; Ribeiro et al, 2005; Sanders, 2004, 2005; Silva, 2005; Warr & Pyett, 1999; Whittaker & Hart, 1996).

Desta forma, determinados actos sexuais e zonas corporais estão completamente barrados aos clientes. Isto contrasta com a relação que têm com o parceiro, uma vez que referem que em termos sexuais não impõem barreiras, não têm tabus e “fazem tudo”.

Esta limitação de determinadas zonas corporais e práticas sexuais foi também evidenciada por algumas investigações e é tida como estratégia para a demarcação entre as esferas profissional e privada (Manita & Oliveira, 2002; O'Connell Davidson, 1995; Oliveira, 2004, 2011; Pasini, 2000; Ribeiro et al, 2005; Sanders, 2004, 2005; Warr & Pyett, 1999).

Algo que foi referenciado por todas as mulheres foi o número crescente de clientes que recusam terem relações sexuais com preservativo. Os clientes sugerem às mulheres o não uso do preservativo, na maioria das vezes oferecendo quantias monetárias mais elevadas, alguns tentam retirar o preservativo sem que a mulher se aperceba, ou ainda, em casos mais raros, tentam forçar as mulheres a terem relações sexuais desprotegidas. Esta tendência crescente e preocupante foi apresentada por alguns estudos realizados em Portugal (Manita & Oliveira, 2002; Oliveira, 2004, 2011). Perante estes casos e, para os contornar, as mulheres munem-se de um conjunto de estratégias<sup>23</sup>.

Mas será que esta barreira que as mulheres construíram entre os seus mundos funciona sempre?

---

<sup>23</sup> Durante a realização das equipas *out-reach*, muitas foram as mulheres que se referiram a esta tendência, chocadas e preocupadas. Algumas mulheres, simplesmente, recusam atender o cliente, não dando espaço para conversações. Outras, exactamente por via da conversação, convencem o cliente, chegando a fazer uso de um discurso educativo, relativamente aos métodos preventivos. Encontram-se ainda casos, em que as mulheres usam o preservativo de forma dissimulada e sem que o cliente se aperceba. Estas mulheres relatam como estratégias mais utilizadas, a colocação do preservativo com a boca, durante o sexo oral e, ainda, o uso do preservativo feminino.

Questionaram-se as mulheres sobre a experiência de prazer sexual com os clientes e as respostas foram variadas. Cinco admitiram já ter sentido prazer com um ou mais clientes e as restantes quatro referiram não o ter experienciado.

De entre aquelas que sentiram prazer, explicaram que tal aconteceu ou acontece apenas com alguns clientes, dependendo do desempenho sexual dos mesmos e da forma como estes as tratam. Admitiram ainda lidar com esta situação com alguma dificuldade e preocupação, pois tal, de certa forma, viola a sua conduta profissional e todo o esforço que aplicam em manter um distanciamento emocional.

*“(...) mas a gente acaba sentindo, não vou dizer que sempre, mas há exceções que acaba acontecendo...o que deixa a gente mais preocupada ainda, porque a gente tem que pôr na cabeça durante 24 horas “isso aqui não é lugar para você se envolver com ninguém, com ninguém”...então eu tento separar...procuro não saber nem o nome, para não me lembrar depois!”*, E7

Apenas M. referiu não ter problemas em lidar com a experiência de prazer sexual com os clientes.

*“Lido muito bem! Porque não aproveitar? Claro que aproveito, se souber bem porque não? É assim, não quer dizer que o cliente seja bonito ou que seja novo, não tem nada a ver, acho que tem a ver com a maneira como o cliente nos toca...pronto, mas acontece!”*, E3

Em algumas das investigações consultadas, a maioria das mulheres admitiu não sentir prazer sexual durante a relação com os clientes (Sanders, 2005; Oliveira, 2004). Neste trabalho, considera-se que a experiência de prazer sexual se trata de algo demasiado único e próprio a cada mulher para poder ser generalizado.

Também se questionaram as mulheres acerca da possibilidade de desenvolvimento de algum tipo de ligação afectiva e amorosa com os clientes.

Apenas S. e M. admitiram já ter desenvolvido sentimentos amorosos por clientes, sendo que esses clientes são hoje os seus parceiros. Estas mulheres referiram que, quando sentiram algo pelos clientes, a relação deixou de ser comercial e os homens em questão deixaram de ser clientes para, neste caso, passarem a ser os seus parceiros.

As restantes mulheres referiram nunca terem desenvolvido sentimentos amorosos por clientes. Estas mulheres consideram, que a possibilidade de se envolverem sentimentalmente com clientes, é para elas impensável e que se tal acontecesse, as podia prejudicar tanto a nível profissional, como pessoal.

## Consequências decorrentes das vivências na actividade

Quis-se perceber de que maneira a vivência da prostituição poderia influenciar, alguns dos aspectos das vidas destas mulheres.

Questionaram-se as mulheres que, aquando da realização da entrevista, se encontravam numa relação amorosa<sup>24</sup>, acerca da forma como esta poderia ou não ser afectada pela sua actividade profissional. Os parceiros de todas estas mulheres tinham conhecimento do seu envolvimento na prostituição. Destas seis mulheres, quatro referiram que o parceiro aceitava a sua profissão, enquanto as restantes afirmaram que o parceiro não aceitava.

*“(...) ele sabe o que eu faço, não gosta mas respeita (...) Tanto que nós não falamos do que eu faço ou deixo de fazer, a nível do meu trabalho não falamos, falamos no aspecto se me acontecer alguma coisa.”, E5*

Estas mulheres afirmaram que, embora o parceiro aceitasse a sua profissão, inevitavelmente a sua relação acabava por ser afectada. Independentemente da aceitação dos parceiros, as mulheres compreendem que o facto de se prostituírem os prejudica emocionalmente.

*“(...) ele sabe o que é que eu faço, só que ele não se sente bem...ele aceita o que eu faço, mas é complicado...ele nem sempre se sente bem com isto! (...) porque afecta a relação, por mais que o homem nos ame, o homem acaba por sofrer! (...) Eu própria se estivesse no lugar dele, também me iria afectar!”, E2*

Algumas mulheres referiram ainda que o facto de terem uma relação afectiva, paralela à prostituição, prejudicava não só a relação, como também o seu envolvimento e desempenho profissional na actividade. S. referiu que ter parceiro lhe dificulta o trabalho e cria um conflito mental durante o desempenho do mesmo e, que por vezes, precisa de realizar um esforço extra para conseguir trabalhar.

*“O facto de eu estar com ele, talvez tenha dificultado um pouco o meu trabalho (...) Hoje em dia o meu trabalho é um pouco mais difícil do que era antes (...) Cria um conflito dentro da gente, porque a gente é mais difícil, sabe?”, E1*

---

<sup>24</sup> Apenas seis mulheres mantinham uma relação amorosa, aquando da realização das entrevistas.

Em algumas investigações foram encontradas evidências de que a prática da prostituição poderia influenciar negativamente as relações afectivas e amorosas ou criar dificuldades na manutenção das mesmas (Oliveira, 2011; Sanders, 2004; Warr & Pyett, 1999). No entanto, não se pretende generalizar tal facto, uma vez que, como relembra Oliveira (2011, p.136) “As relações que as trabalhadoras do sexo mantêm com os seus companheiros são como as relações que as pessoas não prostitutas têm com os respectivos pares amorosos: há bons e maus relacionamentos afectivos (...)”.

Quis-se também compreender se a vivência da prostituição teria alterado a forma como estas mulheres experienciam a relação sexual. Mais uma vez, as opiniões dividiram-se. Cinco mulheres vêem a relação sexual da mesma forma que viam antes de se prostituírem e quatro vêem-na de maneira diferente.

Algumas mulheres admitiram que, por vezes, a sua vida sexual privada era afectada pelo exercício da actividade.

*“E também afecta a nossa vida sexual, porque às vezes eu já venho tão cansada e tão saturada disso que eu chego em casa e não tenho vontade de fazer amor com meu parceiro...!”*, E9

Por outro lado, S. e C. referiram que as suas vivências sexuais privadas não foram afectadas pela prostituição, já que o que determina a forma como se entregam nesses momentos é o sentimento que nutrem pelos seus parceiros.

*“(...) eu quando tenho uma relação com quem eu gosto, eu esqueço completamente o que se passa aqui! Eu acho que é muito diferente, com uma pessoa de quem nós gostamos, do que quando estamos a fazer nesta vida (...)”*, E6

No entanto, esta mudança em termos da vivência da relação sexual, não foi necessariamente negativa para todas e, mais uma vez, as mulheres divergiram bastante.

Outras disseram que encaram a relação sexual de uma forma diferente, pois sentem-se muito mais experientes em termos sexuais, uma vez que o exercício da actividade lhes ensinou aspectos que desconheciam e que agora reproduzem na sua vida sexual privada.

Relativamente à questão do estigma, questionaram-se as mulheres acerca da vivência de algum tipo de preconceito ou discriminação, dentro e fora da sua esfera profissional.

Todas elas referiram ter consciência de que a actividade que praticam é socialmente revestida de estigma e, os sujeitos que a ela se dedicam, normalmente tratados com preconceito.

No entanto, apenas três mulheres referiram terem sido alvo de discriminação fora do contexto da actividade, a partir de pessoas que tinham conhecido na sua esfera profissional. Confessaram que na sua esfera privada, apenas os seus parceiros tinham conhecimento que se prostituíam, salvo R. e S. que tinham optado por partilhar com amigos ou, no caso de K., com um dos seus irmãos. Posto isto, estas mulheres disseram não sentir estigma por parte da sua família ou das pessoas que lhes eram mais chegadas.

No contexto da prostituição, admitiram que são os clientes quem mais as desrespeitam e tratam de uma forma preconceituosa. Três mulheres alegaram ainda, já terem sido agredidas por clientes, ou que alguns tinham tentado utilizar algum tipo de violência.

*“(...) tive aí um cliente que me queria empurrar pelas escadas abaixo por eu lhe ter cobrado o tempo e mais 10 euros, pelo tempo que ele esteve...ele disse que ficava com o meu dinheiro e que ainda me empurrava pelas escadas abaixo...ele agarrou mesmo no meu braço e tentou mandar-me pelas escadas(...)”, E2*

Confessaram não gostarem de ser tratadas com preconceito por parte de clientes e que, por vezes, é difícil lidarem com estas situações e que tal as pode afectar. Porém foram bastante claras ao referir que estas são situações esporádicas e que, não permitem que se voltem a repetir, recusando-se a atender clientes que já tenham sido desagradáveis.

De acordo com Oliveira (2004) a questão do estigma é pouco notória entre as prostitutas de interior, pois, ao contrário das mulheres que trabalham de rua, estas apenas são identificadas como prostitutas no ambiente de trabalho.

Em termos corporais quis-se perceber se o exercício da prostituição teria alterado ou influenciado a forma como estas mulheres percepcionavam e vivenciavam o seu corpo.

Neste ponto, cinco mulheres referiram que agora não olhavam para o seu corpo da mesma forma que antes de se dedicarem à prostituição e quatro mulheres disseram olhar para o seu corpo da mesma maneira que antes. Mais uma vez, as explicações

dadas pelas mulheres foram bastante diversas e, por isso, cada caso irá ser apresentado em detalhe.

S. e K. disseram não perceberem o seu corpo da mesma forma, mas que tal não se devia à actividade, mas sim ao facto de terem envelhecido naturalmente e terem experienciado mudanças corporais derivadas de gravidezes.

*“Eu acho que mudou sim, o meu corpo, se for em termos de idade sim, mudou porque acho que muda, mas fora isso eu acho que não mudou nada!”*, E1

V. achava que, antes da sua entrada na prostituição, o seu corpo era mais bonito e acredita que emagreceu devido ao nervosismo, derivado tanto das exigências da sua vida privada como da actividade.

G. admitiu não olhar da mesma forma para o seu corpo, afirmando que a experiência da prostituição a ensinou a dar mais valor ao seu corpo e a cuidá-lo de uma forma mais preocupada e consciente.

O relato de R. foi o que mais implicou uma consequência negativa do exercício da prostituição relativamente à percepção e vivência do corpo. Confessou que agora tem algumas dificuldades em lidar com o seu corpo, chegando mesmo a sentir vergonha, o que de certa forma, acaba por afectar a sua auto-estima e confiança.

*“(...) tenho uma certa vergonha do meu corpo, podem-me dizer que o meu corpo é muito bonito, é bem feito, é isto, é aquilo, mas eu não acho (...) e sei que foi derivado a isso (actividade), isso tenho consciência!”*, E5

No caso de L., embora ainda não tenha notado nenhuma mudança na maneira como vivencia o seu corpo, admite ter algum receio de que, o envolvimento na actividade a conduza a um certo desgaste corporal.

*“(...) eu tenho um certo receio de...pensar assim...que eu estou a desgastar o meu corpo, a me acabar, a voltar para o meu país assim...mais flácida, mais caída, coisa que lá eu não estava...o meu medo é esse!”*, E8

Quanto a N. e a C., afirmaram que a forma como se percebem corporalmente não alterou e admitiram sentirem-se bem com o seu corpo. M. confessou ainda que, a prática da prostituição contribuiu para que se sentisse mais desinibida e mais à vontade com o seu corpo.

Ainda a nível corporal, mais especificamente em termos do tipo de cuidados que reservam para o seu corpo, os relatos da maioria das mulheres convergiram bastante.

Todas elas, sem exceção, afirmaram que o facto de se dedicarem à prostituição, as conduziu a um aumento na preocupação com o seu corpo. Esta preocupação reflecte-se principalmente em termos do cuidado e da manutenção da sua saúde. Recorrem muito mais a serviços médicos e ginecológicos e realizam muito mais exames médicos, do que antes de se dedicarem à prostituição. Esta preocupação com a saúde foi também relatada por alguns estudos realizados em contextos de interior e de rua (Manita & Oliveira, 2002; Oliveira, 2004; Ribeiro et al, 2005; Silva, 2005)

Estas mulheres admitiram que já tentavam cuidar da sua saúde antes da entrada na actividade, mas que agora, essa preocupação com o cuidado do corpo é muito maior, porque se prostituem.

*“(...) eu tenho uma preocupação maior e um cuidado maior em termos de saúde e em termos de tudo, hoje eu tenho muito mais cuidado do que quando eu não tinha essa profissão (...)”, E9*

Este cuidado e preocupação devem-se não só ao seu desejo em ter um bom estado de saúde, mas também, porque estas mulheres têm plena consciência de que o seu corpo é o seu instrumento de trabalho e, por isso, necessitam de cuidar dele.

*“Talvez se eu não trabalhasse nisso, talvez eu não tivesse tanta preocupação, mas eu me preocupo muito mais (...) como eu vivo do meu corpo, como eu trabalho com o meu corpo, é obvio que eu tenho de cuidar muito mais dele, não é? (...) o meu corpo é o cartão-de-visita, então tenho de cuidar!”, E1*

Ainda em termos médicos surgem as estratégias de prevenção da infecção por VIH e de outras IST's, tanto a nível profissional como privado. Como foi já referido, o uso do preservativo com os clientes é, para estas mulheres, indispensável, assim como a manutenção da higiene. Nas suas relações privadas, com os parceiros, optam por não utilizar o preservativo (à excepção de S. que utiliza preservativo com o parceiro).

*“(...) agora fazemos tudo sem preservativo! Mas é assim, nós fazemos sempre análises para ver se está tudo certo com a gente, não somos inconscientes não...ainda mais eu trabalhando nisso! Eu não quero prejudicar ele não!”, E9*

A preocupação com a aparência, embora menos pronunciada do que com a saúde, é também sentida pelas mulheres. Têm também consciência de que precisam de



manter um certo nível de apresentação estética que garanta um número considerável de clientes habituais.

*“Porque aqui, conta muito a aparência da gente...porque aqui a gente é um objecto...ninguém quer uma coisa que não está bem apresentada...então aqui a aparência é a primeira coisa que conta, não é nem a saúde, é a aparência!”*, E7

Afirmam que o cuidado pela aparência passa pelo uso de roupa provocante, *lingerie*, salto-alto, maquilhagem e alguns adornos. Também cuidam do cabelo e fazem a depilação. Tudo isto surge como uma estratégia de negócio e inclui-se na criação da personagem, que foi já referenciada anteriormente. Esta preocupação em manter uma aparência cuidada, surge também referenciada em algumas investigações, como uma estratégia de negócio, com o objectivo de manter um determinado número de clientes habituais (Oliveira, 2004, 2011; Sanders, 2005; Silva, 2005).

## **Lançamento de Hipóteses e Sugestões para futuras investigações**

A prostituição em particular e o trabalho sexual no geral constituem campos ainda muito pouco estudados no nosso país. Desta forma, considera-se que o objecto deste estudo, tal como os diversos contextos que englobam o trabalho sexual, são campos profícuos para futuras investigações psicológicas e sociais.

Os resultados obtidos, embora não se pretendam objectivados como generalizáveis a todos os contextos da prostituição e do trabalho sexual, constituem pistas que poderão ser seguidas por investigações futuras que pretendam eleger este fenómeno como objecto de estudo.

As evidências encontradas relativamente à separação que as mulheres efectuam em relação às suas esferas profissionais e pessoais constituem um dos aspectos centrais deste estudo. As questões relativas às estratégias que estas mulheres adoptam e às barreiras e limites simbólicos que estabelecem parecem constituir pontos de partida interessantes para futuras pesquisas. Estas poderão debruçar-se, de uma forma aprofundada, sobre o modo como estas estratégias comportamentais e emocionais são aprendidas e utilizadas pelas mulheres.

Este estudo não teve como objectivo principal a análise detalhada das causas que motivaram a entrada das mulheres na prostituição. Este assunto, apesar de tido em consideração, não foi explorado em todos os seus aspectos e dimensões. Para futuros trabalhos que pretendam estudar as causas de entrada na actividade, considera-se que estes deverão ter em conta: o estudo aprofundado da história de vida de cada uma destas mulheres; perceber as suas motivações a partir de uma articulação de algumas dimensões, tanto individuais e únicas a cada sujeito, como sociais, culturais e históricas, ou seja, visualizar cada indivíduo inserido num determinado espaço e tempo que se inter-relacionam e influenciam mutuamente.

Neste trabalho, as mulheres foram questionadas acerca da relação que mantêm com os seus parceiros. Concluiu-se que todos eles tinham conhecimento do envolvimento das mulheres na prostituição e que tal parecia indicar a existência de consequências a nível dos seus relacionamentos. No entanto, não foi explorado outro tipo de relações que estas mulheres estabelecem na sua esfera privada, nomeadamente com os seus filhos e com a sua família mais chegada. Seria interessante a realização de

uma investigação mais aprofundada acerca da forma como estas mulheres gerem as suas relações familiares e como estas são influenciadas pela actividade.

Considera-se ainda de extremo interesse e importância, que futuros estudos privilegiem a compreensão aprofundada do tipo de relacionamento que as mulheres têm com os seus clientes. A exploração desta questão beneficiaria ainda mais se privilegiasse não só o ponto de vista das mulheres, mas também o dos clientes, incluindo as suas perspectivas relativamente à prostituição e às relações que estabelecem com as mulheres.

Este estudo focou apenas a prostituição de interior abrigada em apartamentos, de modo que se ficou somente a conhecer uma das partes do fenómeno. O trabalho sexual é um fenómeno marcado pela diversidade de contextos, de práticas e de actores. Ficaram de fora os homens, os travestis e transexuais e todos os restantes contextos da prostituição e do trabalho sexual. Por fim, propõe-se que futuros trabalhos estudem todas as outras formas de trabalho sexual e de prostituição e realizem comparações entre os seus contextos e actores.

## **Enquadramento Teórico**

Este capítulo e os conteúdos aqui apresentados têm como objectivo o enquadramento dos resultados obtidos no decurso deste trabalho e anteriormente apresentados e visam a facilitação da sua compreensão, assim como a sua conceptualização.

### **Corpo**

Neste trabalho, o corpo das mulheres entrevistadas, assim como a forma como estas o vivenciam, quis-se perspectivado através do paradigma Fenomenológico, mais concretamente, a partir das obras e visão de Maurice Merleau-Ponty.

Melo (2004) refere que Merleau-Ponty criticava e rejeitava a concepção cartesiana do homem. Para este autor, o indivíduo não era uma mera junção do seu corpo e da sua consciência. O corpo representava o veículo de acção através do qual o homem constituía um ser no mundo e estabelecia relações com outros indivíduos, e era o corpo que mediava o estabelecimento dessas mesmas relações.

Na sua obra *Fenomenologia da Percepção*, Merleau-Ponty (1945) direcciona o seu interesse para o fenómeno da percepção, que fundamenta o conhecimento que o sujeito adquire através da experiência corporal.

O corpo, para Merleau-Ponty (1945), constitui a fonte do sentido e significado que atribui ao que o rodeia. Através do corpo e da sua movimentação e expressão, o indivíduo manifesta os significados que vai construindo ao longo da sua existência. Os movimentos, gestos e comportamentos expressos através do corpo possuem um sentido e um significado coerente com a forma como o indivíduo está presente no mundo que o rodeia.

Assim, perspectiva-se o corpo destas mulheres como um todo, através do qual estas vivenciam e experienciam todos os aspectos da sua vida, seja em termos profissionais, na prática da prostituição, seja na sua esfera privada. Considera-se que é através do corpo que reorganizam as suas vivências e lhes dão significado e sentido.

Assim, o corpo é o palco e foi através deste que as mulheres criaram e adoptaram as estratégias mediadoras das suas vivências e lhes atribuíram significado. Foi através da experiência do corpo e da relação com outros corpos que estas mulheres aprenderam a delimitar as barreiras e os limites significantes, orientadores das suas vivências enquanto mulheres, prostitutas, parceiras... em todas as esferas da sua vida.

## **Prostituição**

É por demais conhecida a expressão quase popular que argumenta que a prostituição é uma das profissões mais antigas que a humanidade já conheceu. Embora tal seja difícil de comprovar, o que é certo é que, ao longo da história, a prostituição foi sendo alvo de uma série de mudanças relativamente à sua conceptualização, legislação e aceitação social.

Nem sempre a prostituição se viu envolta em estigma e recriminação, tendo sido em alguns momentos aceite e noutras apenas tolerada. Historicamente, as diversas civilizações e sociedades foram tratando a prostituição das mais variadas formas, alternando entre a aceitação e por vezes, até glorificação religiosa da mulher prostituta, e a recriminação e condenação da mesma (Cruz, 1984; Manita e Oliveira, 2002; Oliveira, 2004, 2011, Ribeiro et al, 2005; Vieira, 1892).

Portugal, à semelhança de outros países europeus, foi alternando a forma como perspectivava a prostituição, o que se reflectiu na forma como a foi legislando. Para definir o panorama legislativo que, no nosso país, se aplicou ao fenómeno da prostituição, apresentam-se os quatro momentos referidos por Oliveira (2004), cada um dos quais com características e medidas próprias. O primeiro momento, denominado pela autora como *Legislação avulsa e pré-regulamentarismo*, decorreu desde a fundação de Portugal até 1853. Tratou-se de um período que se caracterizou por uma série de iniciativas legislativas que alternavam entre a permissividade e a condenação das práticas de prostituição e em que “os monarcas e seus legisladores, assim como a Igreja, seguiram titubeantes entre a moral e os bons costumes e as suas necessidades sexuais ilegítimas” (Oliveira, 2004, p. 21). O *Regulamentarismo*, de 1853 até 1962, período motivado pela propagação da sífilis, resultou na aplicação de uma série de medidas que visavam controlar as actividades de prostituição e as prostitutas, através de regulamentos minuciosos que determinavam, entre outros aspectos, que as prostitutas

deveriam possuir uma caderneta individual de identificação e ser sujeitas a exames médicos periódicos. O *Proibicionismo* corresponde ao período compreendido entre os anos de 1963 a 1982. A publicação do Decreto-Lei n.º 44579, de 19 de Setembro de 1962, vinha proibir o exercício da prostituição a partir de 1 de Janeiro de 1963, sendo o mesmo punível com pena de prisão. Porém, esta medida não acabou com a prostituição em Portugal, vindo somente piorar as condições de trabalho das mulheres, obrigando-as a exercer esta actividade escondidas da polícia. No ano de 1982, a publicação do Decreto-Lei n.º 400/82 vem revogar o artigo 1.º de lei de 1962 que proibia o exercício da prostituição. Assim, a 1 de Janeiro de 1983, entra em vigor a *despenalização* da prostituição e com ela a criminalização do lenocínio, situação que se mantém até à actualidade. No entanto, esta situação não legaliza a prostituição, apenas não criminaliza o seu exercício (Manita & Oliveira, 2002; Oliveira, 2004; Ribeiro et al, 2005).

Da mesma forma que a história nos mostra que a sociedade foi encarando a prostituição e a prostituta de formas bastante diversas, também as ciências que dela fizeram objecto de estudo foram sendo influenciadas pelas normas legais e sociais próprias de cada período histórico.

De acordo com Oliveira (2004, 2011), grande parte da investigação científica relativa à prostituição parece surgir ligada a uma preocupação com as doenças infecto-contagiosas, nomeadamente com a sífilis nos finais do século XIX e inícios do século XX e mais recentemente com o VIH/SIDA.

Em Portugal, começou-se a estudar e investigar o fenómeno da prostituição no início do século XIX, aquando da criação do Conselho de Saúde Pública do Reino, em 1837, precisamente aliada à preocupação com o alastramento da sífilis. Com a criação deste organismo surge em 1841 a obra de Santos Cruz, um médico higienista, pioneiro no estudo da prostituição no nosso país.

À semelhança de Santos Cruz, outros investigadores foram centrando o estudo da prostituição na descrição de aspectos fisiológicos e comportamentais das mulheres que se prostituíam (Oliveira, 2004, 2011).

A partir do século XX, outras ciências, além da medicina, começaram a debruçar-se no estudo da prostituição. No entanto, a maioria dos trabalhos que, entretanto, tentavam estudar o fenómeno da prostituição, faziam-no sem considerar a sua complexidade, limitando-se a apontar causas e consequências, muitas vezes através de discursos com influências moralistas (Oliveira, 2004).

Excepção foi o trabalho levado a cabo por Carmo e Fráguas (1982), presas políticas no Estabelecimento Prisional de Custóias, onde entrevistaram 50 prostitutas que também ali se encontravam reclusas. As autoras analisaram a história de vida daquelas mulheres, mas tendo o cuidado de não apresentarem conclusões generalizáveis à totalidade da realidade da prostituição em Portugal.

Sensivelmente a partir do início do século XXI, uma série de estudos começaram a ser levados a cabo no nosso país, acerca do fenómeno da prostituição e do trabalho sexual. Destacam-se os trabalhos de Manita e Oliveira (2002), Oliveira (2004, 2011) e Ribeiro e colaboradores (2005, 2008), entre outros. Estas investigações centram-se em vários contextos da prostituição e do trabalho sexual e contribuem para uma compreensão abrangente e cuidada da diversidade destes fenómenos.

Desde então e cada vez mais, o fenómeno da prostituição tem constituído um foco de interesse para as ciências sociais e para a opinião pública em Portugal, assim como em outros países.

### ***Definir a Prostituição***

Definir prostituição e o que faz uma pessoa que se prostitui pode, numa primeira instância, parecer fácil. No entanto, há uma certa dificuldade em encontrar as fronteiras que delimitam as suas práticas. O senso comum tem tendência a encarar actividades como o alterne e o *striptease* como se de prostituição se tratassem, quando, por vezes, se tratam de actividades bem distintas daquilo que se entende por prostituição.

Historicamente, o conceito de prostituição foi sofrendo alterações e adaptações imputadas pelas sociedades. Muitas foram as definições propostas ao longo do tempo e nem sempre estas eram livres de conotações morais. Com o tempo foram surgindo muitas outras tentativas de definição, já pautadas pelo abandono de moralismos. Uma mais simplistas, outras mais complexas, uma mais inclusivas em termos de práticas e de actores e outras nem tanto (Manita & Oliveira, 2002; Oliveira, 2004, 2011).

Na impossibilidade de incluir em muitas das definições atribuídas à prostituição uma série de actividades e práticas não rotuláveis como tal, surgiu, a partir dos anos 70, uma noção mais abrangente, a de trabalho sexual, proposta por Carol Leigh, uma prostituta e activista dos EUA (Manita & Oliveira, 2002; Oliveira, 2004, 2011).

Como sugere Oliveira (2004, 2011), o trabalho sexual deve ser visto como um conjunto de actividades comerciais em que é desempenhado um comportamento com

significado sexual ou erótico para quem compra. A autora inclui a prostituição no trabalho sexual e classifica-a como o desempenho comercial de relações sexuais e de outras actividades com conotação sexual.

Um conceito ainda mais abrangente é o de trabalho erótico, uma vez que abarca outras actividades que não implicam o sexo, mas que se incluem no âmbito do erotismo (Manita & Oliveira, 2002; Oliveira, 2004, 2011).

Para efeitos do presente trabalho, considerou-se a prostituição como uma actividade, neste caso praticada por mulheres<sup>25</sup>, que oferecem serviços de cariz sexual mediante um pagamento. Estes serviços, que são bastante diversificados, podem ir desde o coito até ao voyeurismo e a uma simples conversa, têm um significado sexual e/ou erótico para a parte que os compra, o cliente. Porém, a definição aqui apresentada apenas tem como objectivo ser representativa da parcela do contexto estudado por este trabalho, visando ainda reforçar a ideia de diversidade associada à noção de prostituição.

### ***Os actores***

Sabendo da diversidade e multiplicidade que caracteriza o trabalho sexual, podemos classificar os trabalhadores sexuais de acordo com uma série de critérios, como o sexo, a idade e a orientação sexual e ainda segundo o grau de liberdade com que exercem estas práticas, assim como o contexto em que estas se desenrolam (Manita e Oliveira, 2002; Oliveira, 2004, 2011).

As mulheres continuam a ser maioritárias nos contextos do trabalho sexual e da prostituição, no entanto, cada vez mais se encontram homens, transexuais e travestis, que se dedicam a estas práticas<sup>26</sup>.

A divisão mais habitual através da qual normalmente se diferenciam as pessoas que se prostituem é aquela que as divide segundo o contexto em que trabalham. Normalmente os sujeitos que se prostituem são divididos entre a prostituição de rua e a prostituição de interior (Manita & Oliveira, 2002; Oliveira, 2004, 2011; Weitzer, 2007).

---

<sup>25</sup> Não se pretende excluir homens, transexuais e travestis, apenas se ressalva que estes não constituíram o objecto de estudo deste trabalho

<sup>26</sup> Embora por vezes se encontrem menores envolvidos em práticas de prostituição, tal não é considerado prostituição, mas sim violência sexual e abuso de menores.



## *Prostituição de interior*

Oliveira (2004) refere que os indivíduos que se dedicam a práticas de prostituição de interior incluem um conjunto de trabalhadores organizados de forma hierarquizada. Esta organização é realizada tendo em conta uma série de características, que vão desde o tipo de serviços que prestam e preço cobrado, até ao contexto onde se desenrolam as práticas.

Os contextos nos quais se desenrolam as práticas de trabalho sexual de interior são diversos e incluem moradias e apartamentos privados, casas de massagem, hotéis, bares e clubes (Oliveira, 2004, 2011; Ribeiro et al, 2005; Weitzer, 2007). Sendo o objecto de estudo deste trabalho a prostituição de interior que se desenrola em moradias e apartamentos privados<sup>27</sup>, esta será a modalidade caracterizada seguidamente<sup>28</sup>.

As mulheres que se prostituem em contextos de interior, mais concretamente em moradias e apartamentos, apresentam uma diversidade considerável relativamente às suas características sociodemográficas, socioeconómicas e físicas<sup>29</sup>.

De acordo com Oliveira (2004), a maioria das mulheres apresenta idades entre os 25 e os 35 anos, no entanto encontram-se mulheres mais jovens e mais velhas. Quanto à nacionalidade, encontra-se uma grande percentagem de estrangeiras, principalmente do Brasil e Europa de Leste e, obviamente, portuguesas. A escolaridade é por norma bastante elevada, quando comparada, por exemplo, com a prostituição de rua. A maioria terminou a escolaridade obrigatória e encontra-se um número considerável de casos de mulheres com frequência universitária, actual ou passada, e mesmo com graus de licenciatura e mestrado. Tal não significa que não se encontrem casos de mulheres com nível escolares mais baixos, correspondendo normalmente a mulheres provenientes de níveis socioeconómicos também baixos. Relativamente ao estado civil, não é possível estabelecer um padrão, mas um número considerável destas mulheres tem filhos a seu cargo.

---

<sup>27</sup> A caracterização do contexto da prostituição em moradias e apartamentos irá ser realizada tendo em conta particularidades verificadas no contacto com o mesmo, durante a realização das equipas *out-reach*, para que desta forma esta seja apresentada da forma mais aproximada

<sup>28</sup> A caracterização dos indivíduos e das suas práticas será realizada fazendo referência ao género feminino, uma vez que as mulheres foram o objecto de estudo deste trabalho. Porém, tal não significa que se excluam os homens, transexuais e travestis.

<sup>29</sup> Oliveira (2004) realiza uma divisão socioeconómica de acordo com o modo como estas mulheres publicitam o seu trabalho. Refere que as mulheres que publicitam os seus serviços nos jornais são, normalmente, provenientes de camadas mais pobres. Essa divisão não é aqui considerada, uma vez que no contacto com o contexto estudado, observou-se uma diversidade em termos socioeconómicos, no entanto, não sendo possível realizar ligações entre a forma como anunciam os seus serviços.

As moradias e apartamentos onde se desenrolam as práticas de prostituição, podem funcionar e ser geridos de diversas formas. A situação mais comum é aquela em que a moradia é alugada ou pertence a uma das mulheres que ali trabalha, sendo que esta pode optar por trabalhar sozinha, mas o mais frequente é trabalhar com outras mulheres. Neste caso, as mulheres dividem as despesas da casa e normalmente é estabelecida uma percentagem do dinheiro que ganham e que pagam à dona da casa. Situação semelhante acontece quando a dona da casa é uma ex-prostituta (Oliveira, 2004; Whittaker & Hart, 1996). Existem ainda casos em que uma pessoa ou um conjunto de pessoas gerem vários apartamentos e têm várias mulheres a trabalhar para si, repartindo-as por diferentes zonas (Whittaker & Hart, 1996). Nestas situações, a maioria das mulheres que trabalha sob o controlo de outrem considera a situação injusta (Oliveira, 2004; Whittaker & Hart, 1996). Esta sensação de injustiça é menos frequente quando as mulheres e a pessoa que gere o apartamento, prostituta ou não, desenvolvem relações de amizade e confiança, diluindo uma possível relação hierarquizada entre as mesmas (Whittaker & Hart, 1996).

Menos frequente é o caso de mulheres que optam por trabalhar de uma forma independente, normalmente depois de já terem trabalhado num dos esquemas anteriormente referidos. Nestes casos, normalmente alugam um apartamento para o efeito, ou, quando moram sozinhas, exercem na sua casa. Estas mulheres consideram existir vantagens em trabalhar de forma independente, mas também reconhecem desvantagens, como terem de fazer face às despesas, e ainda riscos, pois assumem estar mais vulneráveis (Oliveira, 2004).

Os horários de trabalho praticados nos apartamentos também são variados, sendo que alguns funcionam maioritariamente durante o dia, apresentando um horário semelhante ao praticado em outras actividades profissionais. Outros apartamentos funcionam principalmente ao final do dia e durante a noite. Em alguns casos, os apartamentos onde as mulheres se prostituem podem ser simultaneamente locais de trabalho e de domicílio das mesmas (Whittaker & Hart, 1996).

Estas mulheres publicitam maioritariamente a sua actividade profissional através da colocação de anúncios em jornais e na *internet*. O anúncio pode ser comum a todas as mulheres que trabalham no apartamento, ou pode ser específico para cada uma. O conteúdo do anúncio refere-se, normalmente, a atributos físicos das mulheres, ao tipo de serviços prestados e à zona onde trabalham (Oliveira, 2004).

Embora no grupo estudado não se encontrasse nenhuma mulher com uma actividade profissional paralela à prostituição em apartamentos, existem casos de mulheres que possuem outras fontes de rendimentos, mantendo trabalhos a *part-time*. Outras ainda, alternam a actividade em apartamentos com as práticas em outros contextos, como clubes e bares, por exemplo. Desta forma, as mulheres escolhem o(s) contexto(s) de trabalho consoante as vantagens que retiram do(s) mesmo(s) (Oliveira, 2004).

Ribeiro e colaboradores (2005) referem a rotatividade das mulheres como uma das características do trabalho sexual em clubes. Esta situação também se verifica no contexto da prostituição em moradias e apartamentos privados. As mulheres, em geral, circulam entre vários apartamentos e, conseqüentemente, entre diferentes territórios, ficando temporadas em cada local. Esta mobilidade tem para as mulheres um carácter de negócio e serve para que estas constituam “novidade” e assim atender à variedade da procura dos clientes e às suas exigências de caras novas e diferentes.

## **Trabalho emocional**

A prática da prostituição, por acarretar a adopção de estratégias de agenciamento emocional pelas mulheres, durante as relações com clientes, é referenciada em algumas investigações como se tratando de um tipo de trabalho emocional (O’Connell Davidson, 1995; Oliveira, 2004, 2011; Sanders, 2005; Weitzer, 2007).

O conceito de trabalho emocional foi introduzido por Arlie Russel Hochschild, em 1979, na obra *Emotion Work, Feeling Rules, and Social Structure*.

O trabalho emocional é para Hochschild (1979, p.561), o “acto de tentar mudar em grau ou qualidade uma emoção ou sentimento”.

A autora refere dois tipos de trabalho emocional: *evocation*, em que o foco é numa emoção desejada que se encontra inicialmente ausente; e *suppression*, em que o foco é numa emoção indesejada que se encontra inicialmente presente. Quanto às técnicas do trabalho emocional, estas podem ser cognitivas – tentativa de alterar ideias e pensamentos de forma a alterar emoções que lhes estejam associadas; corporais – tentativa de alterar expressões somáticas e físicas de determinadas emoções; e

expressivas – tentativa de alterar gestos e comportamentos associados a determinadas emoções (Hochschild, 1979).

Hochschild (1979) defendia que, em praticamente todas as interações sociais, as pessoas tendem a desempenhar determinados papéis e a criar certas impressões. Para isso, expressam emoções normativamente apropriadas, seguindo certas regras de expressão, como por exemplo, não rir num funeral e demonstrar felicidade num casamento.

Da mesma forma, Hochschild (1979) assume que os indivíduos também podem realizar trabalho emocional nos seus contextos profissionais. Certas profissões podem exigir da parte dos seus trabalhadores o agenciamento das suas emoções. Desta forma, o trabalho emocional, no contexto profissional, implica expressar emoções desejáveis, mesmo nas situações desagradáveis.

Assim, a autora distingue *emotion work* - trabalho emocional não remunerado que uma pessoa exerce nas suas relações com a família e amigos - de *emotional labor*, o trabalho emocional realizado num local de trabalho remunerado<sup>30</sup> (Hochschild, 1983).

Segundo Hochschild (1983) os indivíduos podem demonstrar as emoções desejadas profissionalmente de duas formas: *surface acting*, através da apresentação de uma emoção ou do seu equivalente comportamental, sem que esta emoção seja sentida pelo indivíduo; *deep acting*, o indivíduo molda os seus próprios sentimentos e emoções para que estes correspondam aos que pretende demonstrar em termos profissionais.

A prostituta, assim como outros indivíduos que desempenham actividades que impliquem actos íntimos, tem que representar emoções e comportamentos que convençam o cliente de que ela gosta do que está a fazer. Além disso, por vezes, a prostituta tem de disfarçar e até esconder do cliente emoções menos positivas que possa estar a sentir. Para Oliveira (2011), a mulher leva a cabo um tipo de trabalho emocional, que exige capacidades e conhecimentos obtidos através da experiência profissional.

---

<sup>30</sup> Considera-se que, possivelmente, as mulheres alternam entre *emotion work* e *emotional labor*, consoante as situações se apliquem às esferas pessoais e profissionais das suas vidas.

## Limitações

Mais do que limitações capazes de prejudicar o bom desenvolvimento do estudo, aquilo que se pretende clarificar neste capítulo são alguns desafios que cruzaram o caminho do presente trabalho. As adaptações necessárias para que se ultrapassassem os desafios surgidos constituíram um enriquecimento do percurso percorrido.

A natureza deste estudo e do próprio contexto estudado obrigou a uma constante adaptação do seu desenho metodológico. A incursão no terreno e as dificuldades encontradas provaram que o percurso que tinha sido traçado inicialmente necessitava de refinamentos a nível metodológico.

Pareceu claro, desde o início desta investigação, que não seria fácil aceder a um número considerável de sujeitos a integrar na amostra. Esta é uma população que, salvo raras excepções, apresenta uma mobilidade considerável, alternando de cidade consoante a oferta de trabalho em determinadas zonas do país. Em alguns casos, a constante mobilidade das mulheres afectou o estabelecimento de uma relação de empatia e confiança, que deveria ser estabelecida durante a realização das equipas *out-reach*. Esta relação de empatia provaria ser imprescindível, tanto para a decisão das mulheres em participar na investigação, como para a fluidez e à vontade das mesmas durante a realização das entrevistas. Foram abordadas inúmeras mulheres de forma a colaborarem na investigação, no entanto, algumas recusaram, outras tendo aceite, por consequência da actividade mudaram de cidade, perdendo-se o contacto com as mesmas. Como anteriormente referido no capítulo relativo ao percurso metodológico, nem todas as entrevistas realizadas puderam incluir este estudo. As entrevistas descartadas corresponderam a casos em que não havia sido estabelecida a relação empática com as mulheres e que, desta forma, não se sentiram suficientemente à vontade para responderem de uma forma completa às questões que lhes eram colocadas.

Inicialmente, este estudo pretendia ter dois momentos de recolha de dados. Uma entrevista inicial que seria transcrita e analisada de acordo com os pressupostos da *Grounded Theory*, seguida de um segundo momento, em que se voltariam a entrevistar as mulheres. Esta segunda entrevista teria como objectivo a confrontação das mulheres com alguns excertos da entrevista inicial, para assim se obterem uma corroboração e verificação dos dados obtidos. Todo este processo teria sido de extrema importância e

interesse, mas provou não ser possível devido a constrangimentos temporais e à própria organização profissional das mulheres, que levou a que se perdesse contacto com muitas delas.

Também já referido anteriormente, foi o desejo em aceder a outros contextos e a outros actores para posteriormente se realizarem comparações entre as vivências de todos. Tal teria sido extremamente interessante e enriquecedor, uma vez que a diversidade e multiplicidade de contextos e práticas, exige uma distinção e posterior comparação. Mais uma vez, devido a constrangimentos temporais e à própria organização contextual de cada realidade, não foi possível realizar tais comparações.

O carácter exploratório desta investigação levou a que se explorassem as vivências destas mulheres de uma forma abrangente. Também a opção da utilização da entrevista semi-estruturada, assim como o à vontade sentido pela maioria das mulheres entrevistadas, levou ao surgimento de questões que não estavam previstas e culminou na obtenção de uma extensão de dados extremamente rica e diversa. A organização dos dados recolhidos obrigou a que algum material, menos específico relativamente aos objectivos definidos, fosse descartado durante a realização das primeiras análises. Tal resultou numa ambiguidade de sentimentos da parte da investigadora, perante a impossibilidade de aprofundamento de algumas questões.

O estabelecimento da relação de confiança, já referida, permitiu que mulheres e investigadora se conhecessem mutuamente. Tal levou a que em algumas entrevistas, tivessem havido momentos em que a investigadora sentiu que as mulheres poderiam estar a enviesar algumas das respostas, para que correspondessem em termos do que estas consideram que seria desejável socialmente. No entanto, estes supostos enviesamentos não corresponderam a extremismos de uma situação, mas sim a uma atenuação ou embelezamento de certos aspectos que expunham. Não se considera portanto, nem se objectiva afirmar que estas mulheres não foram sinceras nos seus relatos. Por vezes, conscientes e receosas do estigma que lhes é imputado, tentaram suavizar algumas situações.

A relação extremamente positiva, estabelecida com a maioria das mulheres, levou ao desenvolvimento de uma certa proximidade em que por vezes os sentimentos ameaçaram turvar a objectividade com que a investigadora pretendeu interpretar os dados obtidos. Perante estas situações, um esforço adicional teve de ser levado a cabo para que as fronteiras entre a investigadora e os sujeitos investigados não se diluíssem.

A experiência com a metodologia da *Grounded Theory* revelou-se desafiante e complexa. As exigências metodológicas da *Grounded Theory* explicam a complexidade encontrada. As transcrições *verbatim* de todas as entrevistas realizadas exigiram bastante tempo, assim como todo o processo de codificação, que se revelou num conjunto de tarefas complexas e exigentes a nível do esforço de raciocínio e de organização e sistematização de todo o material recolhido. Porém, apesar das dificuldades encontradas, a *Grounded Theory* proporcionou a obtenção de uma imensa riqueza informacional.

## Conclusão

Na sociedade actual, como sempre, florescem ideias preconcebidas acerca daquilo que define uma prostituta. A mulher que se prostitui é-nos apresentada quase sempre de duas formas, distintas entre si. De um lado, a perspectiva moralista que condena a prostituta e a coloca à margem das mulheres normativas, é a *outra*. Por outro, a ideia romântica, ficcional e apetecível de uma Mata-Hari, poderosa e exótica.

Todas as mulheres que cruzaram o desenvolvimento deste estudo de maneira alguma se poderão encaixar numa das perspectivas anteriores, pois tal, além de contribuir para rotular e simplificar a complexidade das suas vivências, não corresponderia de todo à verdade. Não se lhes verificaram características ou atributos que, *a priori*, as denunciasses como prostitutas. *Outras* mulheres, que afinal de contas, são mulheres como todas as outras! Mulheres cujos percursos e histórias de vida com certeza se cruzarão e terão aspectos em comum com muitas mulheres que não se dedicam à prostituição.

As trajectórias destas mulheres e de muitos outros trabalhadores do sexo são diferentes entre si. Os percursos de vida destas pessoas são diversos e não podem ser encarados de uma forma simplista ou linear.

Este trabalho, não sendo pioneiro, contribui para a crescente massa investigativa que vem tratando a prostituição, nas suas diversas modalidades, assim como o trabalho sexual, como um objecto de estudo das ciências sociais.

Considera-se que o facto de esta investigação ter como objectivo o estudo da vivência da prostituição abrigada em apartamentos como um processo, constituiu uma mais-valia. Esta perspectiva do fenómeno como um processo provou que as vivências destas mulheres, além de individuais e indivisíveis, não são estanques, mas que podem ser percebidas em termos temporais e evolutivos. As experiências destas mulheres na prostituição correspondem a um processo de desenvolvimento, durante o qual vão sendo expostas a uma diversidade de influências e de aprendizagens que medeiam as vivências das mesmas.

Tal como referido anteriormente, não foi objectivo deste estudo realizar generalizações ou apresentar os dados de uma forma absolutista, partindo de uma amostra tão reduzida. Pareceu que uma generalização seria imprudente e até redutora,



tendo em conta a diversidade que se constatou no terreno. Tendo isso em conta, os resultados apresentados neste trabalho não se querem percebidos como uma verdade absoluta, mas antes como uma mera caracterização da amostra entrevistada. Porém, nada invalida que muitos dos dados obtidos não sejam de facto gerais à maioria das actrizes da prostituição de interior abrigada em apartamentos e, desta forma, representativos dessa mesma realidade. No meio de toda a diversidade encontrada puderam-se agrupar um conjunto de características que parecem ser comuns à maioria dos sujeitos, sem descurar, no entanto, a individualidade de cada um.

As mulheres entrevistadas, embora exerçam a mesma actividade profissional, não representam um grupo homogéneo relativamente às representações do corpo, pois, apresentavam percepções diferentes do corpo, decorrentes de factores como a idade e tempo de vivência na prostituição. No entanto, estas mulheres partilham um universo simbólico, com base no qual ordenam as suas vivências e experiências corporais dentro e fora da prostituição.

Aquilo que pareceu comum a todas as mulheres entrevistadas e que a literatura científica também parece vir a confirmar, é a divisão consciente que estas mulheres realizam entre a sua vida profissional e a sua vida privada e entre a relação sexual comercial e a relação sexual afectiva, assim como a instrumentalização que associam aos seus corpos. O que difere entre elas é o conjunto de estratégias corporais e emocionais e a forma como delas se servem para mediar essa separação e essa instrumentalização.

O facto de estas mulheres utilizarem o seu corpo como um instrumento de trabalho e o poder de decisão que detêm acerca da forma como organizam essa mesma instrumentalização, sugere que possuem algum controlo na transacção comercial com os seus clientes. Este controlo vem contrariar a ideia prevalente que perspectiva a prostituta como um ser subjugado e sem capacidade de decisão. O presente trabalho poderá associar-se a uma série de investigações, cujos resultados indicam o abandono da visão da prostituta como alguém desprovido de poder e enaltecem que estas mulheres realizam escolhas conscientes relativamente à sua prática profissional<sup>31</sup> (Manita & Oliveira, 2002; O'Connell, 1995; Oliveira, 2004, 2011; Ribeiro et al, 2005; Sanders, 2005; Warr & Pyett, 1999).

---

<sup>31</sup> A investigadora não pretende caracterizar desta forma, todo o tipo de prostituição, uma vez que os resultados apresentados neste trabalho apenas reflectem a realidade estudada. Portanto, a investigadora não exclui a existência de situações e casos específicos, nos quais, os seus actores não detêm o mesmo controlo e poder de decisão, estando muitas vezes a exercer práticas de prostituição contra a sua vontade.

Considera-se que o risco associado à prostituição não pode ser visto como unicamente relacionado com questões médicas e de saúde, relacionadas na maioria das vezes com a prevenção da infecção por VIH e de outras IST's. Uma série de investigações, assim como o presente trabalho, têm vindo a demonstrar que, aliada à preocupação que estas mulheres têm relativamente ao seu estado de saúde, surge a crescente preocupação com as repercussões emocionais que podem advir do exercício da prostituição. Embora, como já se viu, a maioria destas mulheres adopte estratégias que lhes permitem gerir a sua vida profissional, minimizando os danos emocionais, nem sempre esta divisão é bem sucedida. Desta forma, ambiciona-se que os resultados obtidos por este trabalho, assim como por muitas outras investigações, contribuam para reforçar uma reorganização do funcionamento de alguns projectos que prestam suporte aos trabalhadores sexuais. Sugere-se portanto, que estes projectos, os já existentes e aqueles que se encontrem em fase de formação, deverão ter em conta um reforço e priorização do apoio psicológico e social, mantendo o apoio a nível médico e de saúde.

Mesmo antes do início deste trabalho, estava já presente a sensação de que, a pesquisa e a incursão no contexto da prostituição iria ser uma tarefa complexa e desafiante. Esta complexidade provou existir, sendo no entanto compensada pela riqueza informacional obtida.

Por fim, a percepção do fenómeno abordado por este trabalho apenas foi possível graças ao contacto directo com as mulheres e através da escuta das suas falas e da compreensão dos significados que atribuem às suas vivências. Assim, através da coragem que estas mulheres demonstraram ao partilhar as suas histórias e as suas experiências, espera-se, de alguma forma, poder vir a contribuir com os resultados obtidos para que se diluam os estereótipos que revestem o trabalho sexual e a prostituição.

## Referências Bibliográficas

- Carmo, I. & Fráguas, F. (1982). *Putas de prisão: a prostituição vista em Custóias*. Lisboa: A Regra do Jogo.
- Charmaz, K. (1995). Grounded Theory. In J. A. Smith, R. Harré & L. V. Langenhove, *Rethinking methods in psychology*. (27-49). London: Sage Publications.
- Cruz, F. I. S. (1982). *Da Prostituição na Cidade de Lisboa (1841)*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Glaser, B. & Strauss, A. L. (1967). *The Discovery of Grounded Theory: Strategies for Qualitative Research*. Chicago: Aldine.
- Fernandes, E. M. & Maia, A. (2001). Grounded Theory. In E. M. Fernandes e L. S. Almeida (Eds.), *Métodos e Técnicas de Avaliação: Contributos para a prática e investigação psicológica*. Braga: Centro de Estudos em Educação e Psicologia da Universidade do Minho. (Disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4209/1/Grounded%2520Theory.pdf> a 10/8/2011)
- Fontana, A. & Frey, J. H. (1994). Interviewing: The Art of Science. In N. Denzin & Y. Lincoln (Eds.), *Handbook of Qualitative Research*. (361-376). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Henwood, K. & Pidgeon, N. (2003). Grounded Theory in Psychological Research. In P. M. Camic, J. E. Rhodes & L. Yardley (Eds.), *Qualitative research in psychology: expanding perspectives in methodology and design*. (131-155). Washington, DC: American Psychological Association.
- Hochschild, A. R. (1979). Emotion Work, Feeling Rules, and Social Structure. *American Journal of Sociology*, 85 (3), 551-575 (Disponível em

<http://www.ibl.liu.se/student/aps-sociologi/sociologi-4-dokument/1.316973/TEORHochschild.pdf> a 25/5/2012)

Hochschild, A. R. (1983). *The managed heart: Commercialization of human feeling*. Berkeley: University of California Press.

Manita, C. e Oliveira, A. (2002). *Estudo da caracterização da prostituição de rua no Porto e Matosinhos*. Porto: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres.

Melo, S. M. M. (2004). *Corpos no espelho: percepção da corporeidade em professoras*. Campinas, SP: Mercado de Letras.

Merleau-Ponty, M. (1945). *Phénoménologie de la perception*. Paris: Gallimard.

O'Connell Davidson, J. (1995) The Anatomy of "Free Choice" Prostitution. *Gender, Work and Organization*, 2 (1), 1-10 (Disponível em <http://myweb.dal.ca/mgoodyea/Documents/Organisation%20and%20work/The%20anatomy%20of%20free%20choice%20prostitution%20Davidson%201995%20GWO%202%281%29%201.pdf> a 23/5/2012)

Oliveira, A. (2004). *As Vendedoras de Ilusões – estudo sobre prostituição, alterne e striptease*. Lisboa: Editorial Notícias.

Oliveira, A. (2011). *Andar na Vida: Prostituição de Rua e Reacção Social*. Coimbra: Almedina.

Pasini, E. (2000) Limites simbólicos corporais na prostituição feminina. *Cadernos Pagu*. 14, 181-200 (Disponível em <http://www.ifch.unicamp.br/pagu/sites/www.ifch.unicamp.br/pagu/files/n14a07.pdf> a 10/8/2011)

Patton, M. Q. (1990). *Qualitative Evaluation and Research Methods*. Newbury Park, CA: Sage Publications.

- Pidgeon, N. & Henwood, K. (2004). Grounded Theory. In M. Hardy & A. Bryman (Eds.), *Handbook of data analysis*. (625-648). London: Sage Publications.
- Ribeiro, M., Silva, M. C., Ribeiro, F. B. & Sacramento, O. (2005). *Prostituição Abrigada em Clubes (Zonas Fronteiriças do Minho e Trás-os-Montes): Práticas, Riscos e Saúde*. Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres.
- Ribeiro, M., Silva, M. C., Schouten, J., Ribeiro, F. B. & Sacramento, O. (2008). *Vidas na Raia: Prostituição Feminina em regiões de fronteira*. Porto: Edições Afrontamento.
- Roberts, C., Kippax, S & Waldby, C. (1995) Faking it. The story of “Ohh!”. *Women’s Studies International Forum*, 18 (5/6), 523-532 (Disponível em <http://www.brown.uk.com/brownlibrary/roberts.pdf> a 21/5/2012)
- Sanders, T. (2004). A continuum of risk? The management of health, physical and emotional risks by female sex workers. *Sociology of Health & Illness*, 26 (5), 557-574. (Disponível em <http://myweb.dal.ca/mgoodyea/Documents/Health%20and%20wellbeing/A%20continuum%20of%20risk%20Sanders%202004%20Soc%20Health%20Illness%2026%285%29%20557-74.pdf> a 27/2/2012)
- Sanders, T. (2005). “It’s Just Acting”: Sex Workers’ Strategies for Capitalizing on Sexuality. *Gender, Work and Organization*, 12 (4), 319-342. (Disponível em <http://myweb.dal.ca/mgoodyea/Documents/Health%20and%20wellbeing/Its%20just%20acting%20Sanders%202005%20Gender%20Work%20Org%2012%284%29%20319.pdf> a 27/2/2012)
- Schwandt, T. (1994). Constructivist, Interpretivist Approaches to Human Inquiry. In N. Denzin & Y. Lincoln (Eds.), *Handbook of Qualitative Research*. (118-137). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.

- Silva, R. A. (2005). Prostituição feminina em Goiânia: entendendo contextos identitários. *Sociedade e Cultura*, 8 (1), 83-96 (Disponível em <http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=70380105> a 10/8/2011)
- Strauss, A. & Corbin, J. (1990). *Basics of Qualitative Research: Grounded Theory Procedures and Techniques*. Newbury Park, CA: Sage Publications.
- Strauss, A. & Corbin, J. (1994). Grounded Theory Methodology: An Overview. In N. Denzin & Y. Lincoln (Eds.), *Handbook of Qualitative Research*. (273-285). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Strauss, A. & Corbin, J. (1998). *Basics of Qualitative Research: Techniques and Procedures for Developing Grounded Theory*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Tuleya, L. G. (Ed.). (2007). *Thesaurus of psychological index terms* (11th ed.). Washington, DC: American Psychological Association.
- Vieira, J. (1892). *A Prostituição no Porto*. Porto: Typographia de José da Silva Mendonça.
- Warr, D. J. & Pyett, P. M. (1999) Difficult relations: sex work, love and intimacy. *Sociology of Health and Illness*, 21 (3), 290-309 (Disponível em <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1467-9566.00157/pdf> a 27/2/2012)
- Weitzer, R. (2007). Prostitution: Facts and Fictions. *Contexts*, 6 (4), 28-33 (Disponível em [http://www.gwu.edu/~soc/docs/Weitzer/Prostitution\\_Facts.pdf](http://www.gwu.edu/~soc/docs/Weitzer/Prostitution_Facts.pdf) a 27/2/2012)
- Whittaker, D., & Hart, G. (1996). Research note: Managing the risks: the social organisation of indoor sex work. *Sociology of Health & Illness*, 18 (3), 399-414. (Disponível em <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1467-9566.ep10934742/pdf> a 23/5/2012)
- Yin, R. K. (2011). *Qualitative research from start to finish*. New York: Guilford Press.

# **Anexos**

## **Anexo I**

### **Guião orientador da Entrevista Semi-estruturada**

#### **→ Dados Sociodemográficos**

- Idade
- Estado civil/parceiro(a)
- Nacionalidade
- Escolaridade
- Filhos
- Agregado familiar
- Profissão/ocupação paralela

#### **→ Questões relativas à prostituição**

- Tempo na actividade
- Razões para entrada na actividade
- Percurso na actividade
- Vivência de discriminação/preconceito
- Como define a actividade
- Futuro

#### **→ Questões relativas à vivência corporal**

- Primeiras experiências na actividade
- O que mudou
- Relação sexual com clientes
- Relação sexual e afectiva com o parceiro
- Prazer e atracção com clientes
- Sentimento amoroso por clientes
- Como olha para a relação sexual
- Prevenção das IST's
- Tem algum cuidado especial com o seu corpo?
- Tem algum cuidado especial com a aparência?
- Como olha para o corpo



## **Anexo II**

### **Termo de Consentimento Informado**

Concordo em participar na investigação realizada por Maria João Mendes da Cunha, no âmbito do Mestrado Integrado em Psicologia da Educação, Desenvolvimento e Aconselhamento da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, sobre “Vivências do Corpo na Prostituição Feminina”.

Fui informada sobre os procedimentos do estudo, os quais requerem a minha participação para responder a uma entrevista de acordo com a minha disponibilidade, não envolvendo qualquer risco à minha identidade ou prejuízo das minhas actividades, ficando assegurado o direito de recusa em participar no mesmo.

Fui igualmente informada sobre o sigilo e confidencialidade das informações que prestar e concordo com o uso do gravador durante a entrevista

Após ter esclarecido todas as minhas dúvidas, estou de acordo em participar voluntariamente na investigação, e assino o termo de consentimento.

A participante,

---

A aluna,

---

\_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2011

## **Anexo III**

### **Exemplo de Categorização Aberta**

**E9**

#### **→ Motivos de entrada na actividade**

- Falta de oportunidade
- Dificuldades financeiras
- Desemprego
- Queria ganhar dinheiro e fazer sexo
- *“(...) eu achava, vou juntar o útil ao agradável, vou ganhar dinheiro e vou fazer sexo que é uma coisa que eu gosto...mas não é bem assim (...)”*

#### **→ Vivência das experiências iniciais na actividade**

- Trágico
- Nada agradável
- Pensava que ia ser diferente
- Achava que ia conseguir lidar
- Achava que ia ser mais fácil
- Sentia-se mal
- Sentia nojo
- Muito complicado

#### **→ Mudanças/Alterações experienciadas desde a entrada na actividade**

- Há diferenças
- Mais experiente
- Lida melhor
- Não se sente mais à vontade

- Acostumou-se
- *“(...) nem sempre estamos à vontade, porque é uma pessoa estranha, que você nunca viu de lado nenhum...então você não se sente à vontade mas você se acostuma, você aprende a arranjar maneiras daquilo se tornar um pouco mais fácil!”*

### **Aprendizagens/Comportamentos Aprendidos**

- Aprendeu a lidar com a situação
- Aprendeu a lidar com os clientes
- Aprendeu a viver a actividade como se fosse um filme
- Aprendeu a criar uma personagem
- Cria uma personagem para ser mais fácil
- Aprendeu a acelerar a relação
- Aprendeu que há técnicas e posições que aceleram a relação
- Aprendeu a observar o cliente
- Aprendeu a perceber o que o cliente gosta
- Aprendeu a perceber o que excita mais o cliente
- *“Você aprende a levar essa vida como nos filmes...tem que fazer um personagem, eu aprendi a criar um personagem...você cria um personagem para ajudar você a lidar com isso, porque assim é um pouco mas fácil!”*
- *“Eu aprendi com a experiência que você tem de prestar atenção no cliente e naquilo que o excita mais e naquilo que ele gosta mais e assim fica mais fácil de acelerar!”*

### **→ Vivência da relação sexual com clientes**

- Sente nojo
- Sente-se mal

### **→ Estratégias mediadoras da vivência da relação sexual com clientes**

### **Emoções**

- Não há afectividade
- Não há sentimento

### **Pensamentos**

- Não pensa
- Se pensar é pior
- Pensa no dinheiro
- Depois da relação tenta não pensar

### **Comportamentos**

- Selecciona os clientes
- Tenta acelerar a relação com os clientes
- Utiliza posições e técnicas para acelerar a relação
- Observa o cliente e aquilo que mais gosta e mais o excita

### **→ Limites simbólicos/Comportamentos diferenciadores**

#### **Emoções**

- Não há afectividade
- Não há sentimento

#### **Comportamentos**

- É mecânico
- É robótico
- É artificial
- Não há toque
- Não beija clientes
- Não faz sexo oral sem preservativo
- Usa sempre preservativo
- Tenta manter o mínimo de contacto físico
- Tenta tocar o menos possível no cliente
- Tenta que o cliente lhe toque o menos possível

**→ Experiência de prazer sexual com clientes**

- Não sente prazer com clientes

**→ Vivência da relação sexual com o parceiro**

- Completamente diferente
- Tudo diferente
- Há toque
- Há carícias
- Há carinho
- Beija o parceiro
- Não usa preservativo
- É natural
- É espontâneo

**→ Implicações na relação afectiva com o parceiro**

- O parceiro sabe que se prostitui
- O parceiro não aceita
- Discutem por causa da actividade
- A relação é afectada
- Compreende que o parceiro seja contra
- A vida sexual é afectada
- Por vezes não tem vontade de ter relações sexuais com o parceiro
- Já não sente tanto prazer como antes
- Tenta separar as coisas por causa do parceiro
- Não quer prejudicar o parceiro
- Se o parceiro se prostituísse não aceitaria

- *“E também afecta a nossa vida sexual, porque às vezes eu já venho tão cansada e tão saturada disso que eu chego em casa e não tenho vontade de fazer amor com meu parceiro...!”*

#### **→ Relação afectiva/amorosa com clientes**

- Nunca desenvolveu sentimento amoroso por clientes
- Não conseguiria manter uma relação afectiva com um cliente
- Acha que não pode dar certo

#### **→ Vivência da relação sexual depois da entrada na actividade**

- Não vê a relação sexual da mesma forma
- Ganhou antipatia
- Tornou-se uma obrigação
- A vida sexual é afectada
- Já não sente tanto prazer como antes
- Às vezes não tem vontade de ter relações sexuais com o parceiro

#### **→ Estratégias de prevenção**

##### **Com clientes**

- Usa sempre o preservativo
- Tenta manter o mínimo de contacto físico
- Tenta tocar o menos possível no cliente
- Tenta que o cliente lhe toque o menos possível
- Mantém a higiene
- Tenta ter o máximo cuidado
- Se achar que o cliente tem uma DST não o atende

##### **Com o parceiro**

- Não usa preservativo
- Fazem análises
- Usavam preservativo no início do relacionamento
- *“(...) agora fazemos tudo sem preservativo! Mas é assim, nós fazemos sempre análises para ver se está tudo certo com a gente, não somos inconscientes não...ainda mais eu trabalhando nisso! Eu não quero prejudicar ele não!”*

## → Cuidado com o corpo

### Saúde

- Tem cuidado com a sua saúde
- Vai ao médico regularmente
- Faz análises regularmente
- Tenta ter cuidado com a alimentação
- Tem uma preocupação acrescida com o seu corpo
- Preocupa-se muito mais com a sua saúde
- Tem de estar bem para poder trabalhar
- *“(...) eu tenho uma preocupação maior e um cuidado maior em termos de saúde e em termos de tudo, hoje eu tenho muito mais cuidado do que quando eu não tinha essa profissão (...)”*

### Aparência

- Tem cuidado com a aparência
- Gosta de se arranjar
- Cuida da aparência para ter clientes
- Preocupa-se mais com a sua aparência
- Tem de manter boa aparência para ter clientes

## → Visão do corpo depois da entrada na actividade

- Não olha para o corpo da mesma forma
- Acha que o corpo é muito frágil e tem de ser cuidado

- Tem mais amor ao corpo
- Dá mais valor ao corpo

#### → Vivência de preconceito/discriminação

- Nunca sentiu preconceito por parte de ninguém que soubesse que se prostituía
- Sentiu preconceito por parte de clientes
- Sentiu-se desrespeitada por clientes
- Manda embora os clientes desagradáveis

#### → Caracterização da Actividade

- É um trabalho
- É uma profissão

#### Nome que dá à actividade

- Garota de programa
- Profissional do sexo

#### → Perspectivas de futuro

- Não sabe o que vai fazer no futuro
- Está saturada da actividade
- Já cumpriu os seus objectivos
- Quer abrir um salão de cabeleireiro
- Vai ao Brasil e depois decide o que faz e onde fica
- *“Primeiro eu vou para o Brasil, vou no mês que vem, ver como é que são as coisas lá e depois eu penso...depois eu vejo o que é que eu faço...se eu fico lá, se eu venho para cá...vamos ver as coisas!”*